



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

BEATRIZ BARBOSA DA SILVA

**QUANDO A AMIZADE INTERROMPE O SILÊNCIO: UMA LEITURA DE A
MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE.**

Serra Talhada

2026

**QUANDO A AMIZADE INTERROMPE O SILÊNCIO: UMA LEITURA DE A
MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador (a): Profa. Dra. Andreia de Lima Andrade.

Coorientador (a): Profa. Dra. Maria do Socorro Pereira de Almeida.

Serra Talhada

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Sistema
Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário: Danilo Trindade Barbosa – CRB – 4 2285

S586q Silva, Beatriz Barbosa da.
Quando a amizade interrompe o silêncio: uma leitura de a máquina de
fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe / Beatriz Barbosa da Silva. – Serra
Talhada, 2026.
68 f.

Orientador(a): Andreia de Lima Andrade.
Coorientador(a): Maria do Socorro Pereira de Almeida.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal
Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica Serra Talhada - UAST,
Licenciatura em Letras, Serra Talhada, PE- BR, 2026.

Inclui referências.

1. Velhice. 2. Solidão. 3. Amizade. 4. Estudo de envelhecimento. 5. Mãe,
Valter Hugo, 1971-. I. Andrade, Andreia de Lima, orient. II. Almeida, Maria
do Socorro Pereira de, coorient. III. Título.

CDD 460

BEATRIZ BARBOSA DA SILVA

**QUANDO A AMIZADE INTERROMPE O SILÊNCIO: UMA LEITURA DE A
MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Andreia de Lima Andrade (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dra. Larissa de Pinho Cavalvanti (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Nefatalin Gonçalves Neto (Examinador Interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Aos meus avós, em especial a Francisca Barros da Silva (*in memoriam*). Este trabalho é, em parte, fruto da saudade dela, que ainda habita dentro de mim.

AGRADECIMENTOS

Escrevo estes agradecimentos com a frase do romance a ecoar: “Os outros, Américo, são os que dão sustento à vida.” A esses outros agradeço nestas linhas, eles que, mesmo indiretamente, escreveram comigo cada palavra deste trabalho e me ensinaram aquilo que nele habita.

Entre essas presenças, reconheço, antes de todas, aquela que sustenta a própria vida: a Deus expresso minha profunda gratidão. Nele reconheço o princípio e o fim de todas as coisas, consagro este TCC como testemunho de sua graça e de sua misericórdia ao longo do caminho. *Soli Deo Gloria!*

É para casa que essas palavras agora retornam, ao cuidado dos meus pais, que facilitaram meus caminhos mesmo quando isso significou tornar os seus mais difíceis, inclusive quando foi preciso aprender a estar à distância. Ao meu pai, Wilson Alves, agradeço por não medir esforços ao longo dos anos de graduação, por ir me buscar, mesmo à meia-noite, no ponto de ônibus, garantindo que eu nunca estivesse sozinha. À minha mãe, Margarida Barbosa, sou grata pelo amor sem medida, amizade de todos os dias e o cuidado de, nos dias mais corridos, deixar um lanche preparado dentro da minha bolsa quando eu sequer conseguia almoçar. A conclusão deste trabalho também carrega o amor em gestos de vocês!

Há ausências que seguem acompanhando o caminho. Assim, agradeço à minha avó Francisca Barros da Silva (*in memoriam*), que esteve comigo enquanto eu crescia e me concedeu o privilégio de acompanhá-la em seus últimos anos, deixando em mim marcas profundas das quais nasce muito do que sou e do que faço. Minha vózinha, que nunca pôde estudar, faz-se agora lembrada dentro de uma universidade.

E, como em toda travessia, há quem chegue no meio do caminho e decida ficar. Antonio Neto, meu revisor oficial e presença que caminha comigo, sou grata pelo amor, pelo cuidado e pelo incentivo. Como diz a canção, enfim te encontrei do jeito que sonhei.

Houve também quem orientasse o olhar e ajudasse a dar forma às palavras. Agradeço à minha querida orientadora, Andreia de Lima Andrade, pela paciência generosa durante a escrita

e por acreditar neste trabalho quando eu ainda não sabia exatamente como dizê-lo. Sempre lembro que, ao falar sobre temas da Literatura Portuguesa, seus olhos se iluminam, revelando um entusiasmo que marcou minha formação e inspira o modo como desejo lecionar. Também agradeço a professora Maria do Socorro Pereira de Almeida, pela pronta disponibilidade em acompanhar este trabalho.

Agradeço aos professores do curso de Letras da UFRPE/UAST, que, para além dos estudos linguísticos e das teorias literárias, ensinaram com o coração e partilharam saberes que ultrapassam a sala de aula e permanecem comigo ao longo da vida.

Ao longo dessa jornada, houve amigos a quem posso chamar família. Às irmãs que me foram dadas pelo afeto: Elaine Nayara, com quem partilho há mais de quinze anos o amor pelos livros, a cumplicidade e o apoio; e Emília Daniella, que dividiu comigo os dias e os sonhos, abrindo sua casa e transformando-a em lar. Vocês são minhas irmãs do coração.

Há, ainda, amigadas que resistem ao tempo e que, mesmo à distância, amparam a caminhada. A Geovana Maria, Kaline Nunes, Monyque Gabrielli e Gabrielly Lima, agradeço por permanecerem, por fazerem do reencontro uma promessa.

Dentro da universidade, o caminho também se fez mais leve porque não foi solitário. À Ana Paula, que desde o primeiro período caminhou comigo entre trabalhos, notas, risos e inquietações, agradeço pela parceria que nasceu ali e que levo para além da graduação. À Cássia Lino e Ilana Diniz, agradeço pela amizade que se construiu no cotidiano e tornou os dias mais suportáveis. A Alan Gabriel, por quem desenvolvi grande admiração ao longo desse percurso, agradeço pela escuta que tantas vezes me acolheu.

E porque tudo isso se escreve também pela palavra, agradeço à literatura, que sempre me ensinou: a vida é mais! Foi ela que me ofereceu uma profissão, um lugar no mundo e um modo de compreendê-lo. Em especial, agradeço a Valter Hugo Mãe, cuja escrita sensível abriu em mim caminhos para sonhar este trabalho, muito antes mesmo da graduação.

A todos os que aqui aparecem, e também aos que porventura não couberam nestas linhas, meu muito obrigada. São vocês que, de tantas formas, dão sustento à vida.

*“O que também brotou
Dentro da aflição
Qual o sentido da dor
Por que sentimos o medo
O peito que amparou
Viu nascer do sofrer
Novo sorriso.”*

— João Manô; Coletivo Candiero (Esperança).

“A amizade é desnecessária, assim como a filosofia, a arte, o próprio universo (pois Deus não tinha necessidade de criá-lo). Não tem nenhum valor para sobrevivência; entretanto, é uma dessas coisas que dão valor à sobrevivência.”

— C.S. Lewis (Os quatro amores).

RESUMO

Propõe-se uma análise da forma que o romance *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, representa a velhice e a solidão, com foco na forma como a amizade, particularmente o vínculo entre Senhor Silva, senhor Pereira, Esteves e Américo, ressignifica a existência do protagonista e lhe restitui sentido de vida. A pesquisa fundamenta-se no referencial teórico dos *Age Studies*, como Simone de Beauvoir (2018), Ecléa Bosi (1994), Eneida Haddad (2017) e Minayo & Coimbra Jr (2026) e dos estudos acerca da conceitualização da amizade, utilizando Aristóteles (2015) e Cícero (2021), também adota uma metodologia qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise literária. A partir da trajetória do Senhor Silva, marcada pelo luto e pela institucionalização em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). A partir disso, o presente trabalho busca investigar de que maneira o romance desconstrói estereótipos relacionados à terceira idade; examinar como a narrativa dá voz e agência a personagens idosos, frequentemente marginalizados tanto na literatura quanto na sociedade; e analisar o papel da amizade e da empatia na trajetória do protagonista, compreendendo como esses elementos se tornam dispositivos de resistência à solidão e à despersonalização institucional. Nesse sentido, a amizade e a empatia surgem como forças éticas e afetivas capazes de interromper o isolamento e funcionar como dispositivos de resistência à solidão. Constata-se, portanto, que o romance não reduz a velhice à decadência, mas constrói uma representação complexa do envelhecimento, na qual sofrimento e fragilidade convivem com experiências de reconhecimento e pertencimento, especialmente quando os laços de amizade reorganizam a existência do protagonista.

Palavras-chave: Velhice; Solidão; Amizade; *Age Studies*; Valter Hugo Mãe.

ABSTRACT

This study analyzes how the novel *A máquina de fazer espanhóis*, by Valter Hugo Mãe, represents old age and loneliness, focusing on the role of friendship, especially the bond between Senhor Silva, Senhor Pereira, Esteves, and Américo, in reshaping the protagonist's existence and restoring meaning to his life. The research is grounded in the theoretical framework of Age Studies, drawing on authors such as Simone de Beauvoir, Ecléa Bosi, Eneida Haddad, and Minayo and Coimbra Jr., as well as studies on the conceptualization of friendship based on Aristotle and Cicero. Methodologically, the study adopts a qualitative approach based on bibliographic review and literary analysis. Through the trajectory of Senhor Silva, marked by grief and his institutionalization in a long-term care facility for older adults, the research investigates how the novel deconstructs stereotypes associated with old age, examines how the narrative grants voice and agency to elderly characters often marginalized in both literature and society, and analyzes the role of friendship and empathy in the protagonist's journey. In this sense, friendship and empathy emerge as ethical and affective forces capable of interrupting isolation and functioning as forms of resistance to loneliness and institutional depersonalization. The study concludes that the novel does not reduce old age to decline but constructs a complex representation of aging in which suffering and fragility coexist with experiences of recognition and belonging, especially when bonds of friendship reorganize the protagonist's existence.

Keywords: Old age; Loneliness; Friendship; Age Studies; Valter Hugo Mãe.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O PROJETO LITERÁRIO DE VALTER HUGO MÃE.....	15
2.1 Vida, formação e contexto pós-colonial	15
2.2 A estética das minúsculas	18
2.3 A narrativa como espaço de vulneráveis	22
3. VELHICE, SOLIDÃO E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA	25
3.1 Estudos sobre envelhecimento.....	25
3.2 Velhice na literatura portuguesa contemporânea.....	31
3.2.1 Lídia Jorge - Misericórdia: a representação do corpo envelhecido	31
3.2.2 António Lobo Antunes - Sôbolos Rios que vão: envelhecimento como experiência.....	33
3.2.3 José Saramago - As intermitências da morte : envelhecimento e morte social ...	34
3.3 Solidão, isolamento, instituições	36
4. AMIZADE E ÉTICA	39
4.1 A Philia em Aristóteles.....	39
4.2 Amicitia em Cícero.....	43
4.3 Amizade como prática ética e política.....	44
4.4 Afeto e agência em contextos de fragilidade.....	46
5. A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS	48
5.1 A construção do sr. Silva.....	48
5.2 Desconstrução de estereótipos da velhice	54
5.3 A amizade como dispositivo de resignificação.....	57
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS.....	67

1. INTRODUÇÃO

A velhice tem se consolidado, nas últimas décadas, como um campo de crescente interesse para as humanidades, sobretudo quando se reconhece que o envelhecimento não se limita a um processo biológico, mas se constitui como experiência perpassada por valores sociais, representações culturais e dinâmicas de reconhecimento ou apagamento. Nesse sentido, discutir a velhice implica compreender os modos pelos quais uma sociedade atribui sentidos ao corpo envelhecido, produzindo discursos que ora o tornam visível como memória e permanência, ora o relegam ao silêncio e à invisibilidade.

Nesse horizonte, a literatura assume relevância particular, uma vez que não se esgota em tematizar o envelhecer, mas o transforma em matéria estética e discursiva, produzindo vozes e narrativas que podem reforçar estereótipos ou devolver complexidade e dignidade aos sujeitos idosos. Em especial, a literatura contemporânea portuguesa tem oferecido contribuições importantes para esse debate, a exemplo de autores como Lúcia Jorge, António Lobo Antunes e José Saramago, ao problematizar as condições sociais da velhice e ao representar personagens envelhecidos em conflito com a memória, o tempo, a perda e as formas institucionais de controle. É nesse contexto que se insere o romance *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, obra que articula, de modo singular, linguagem e experiência para representar a velhice.

Acerca disso, o romance acompanha a trajetória do Senhor Silva, cuja vida se reconfigura radicalmente após a morte da esposa e o ingresso em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). Nesse espaço, a existência é afetada por rotinas e formas sutis de despersonalização, ao mesmo tempo em que se abrem brechas para a reconstrução de vínculos. Entre tais brechas, destaca-se a amizade, que opera para além de um elemento afetivo, trazendo força ética capaz de interromper o isolamento e restituir ao protagonista uma forma de pertencimento e de humanidade.

A escolha de trabalhar com *A Máquina de Fazer Espanhóis* e com essa problemática do envelhecimento, se justifica, em primeiro lugar, pela oportunidade de contribuir para o campo dos estudos literários contemporâneos, explorando dimensões ainda pouco discutidas no espaço acadêmico da UFRPE, especialmente na Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Apesar da

crescente projeção de Valter Hugo Mãe no cenário literário lusófono, percebe-se que ainda são relativamente poucos os estudos acadêmicos que se debruçam sobre sua obra nessa localidade, isso torna o presente trabalho pertinente, na medida em que busca ampliar o debate em torno de um autor contemporâneo cuja produção literária dialoga intensamente com questões sociais, existenciais e estéticas de grande relevância. Assim, o estudo busca propor uma leitura crítica que visa enriquecer a produção acadêmica local e também ampliar os diálogos sobre temas como envelhecimento e o valor das relações afetivas.

Além da relevância acadêmica, existe também uma motivação de ordem pessoal que confere urgência e necessidade a esta investigação, na medida em que percebo que a leitura do romance me tocou primeiro como leitora e, depois, enquanto pesquisadora. Durante quatro anos, minha família cuidou da minha avó idosa; li o livro ainda com ela em vida e, pelo personagem Senhor Silva na narrativa, pude reconhecer e compreender, de forma mais íntima, algumas angústias que também atravessaram a experiência dela. Anos depois, quando assumimos o cuidado do meu avô, a obra voltou a circular na minha memória, então, a partir dessas experiências, a leitura deixou de ser apenas leitura e passou a oferecer uma lente para reenquadrar minha própria realidade.

O objetivo deste trabalho é analisar como *A máquina de fazer espanhóis* representa a velhice e a solidão, destacando o papel da amizade entre Senhor Silva, Pereira, Esteves e Américo na ressignificação da existência do protagonista. Parte-se da hipótese de que a obra constrói uma representação complexa do envelhecimento, para além da ideia de decadência. Busca-se investigar como o romance desconstrói estereótipos da terceira idade e confere voz e agência a personagens idosos. Além disso, analisa-se a amizade e a empatia como formas de resistência à solidão e à despersonalização institucional.

Para alcançar tais objetivos, a pesquisa adota uma metodologia de natureza qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise literária, articulando o romance ao referencial teórico dos *Age Studies* e a contribuições fundamentais para a compreensão do envelhecimento como construção social e cultural, como Simone de Beauvoir (2018), Ecléa Bosi (1994), Eneida Haddad (2017) e Minayo & Coimbra Jr (2026) e ainda, articulando filósofos antigos que pensaram o conceito e aplicação de Amizade, como Aristóteles (2015) e Cícero (2021). Desse modo, pretende-se demonstrar como, no romance de Valter Hugo Mãe, forma narrativa e experiência existencial se implicam, produzindo uma escrita em que o envelhecer é

representado não como encerramento absoluto, mas como campo de disputas simbólicas e afetivas, no qual a amizade emerge como possibilidade de sentido e permanência.

Por fim, o trabalho organiza-se em quatro seções. A seção 1 discute a relação entre vida e obra de Valter Hugo Mãe, o contexto pós-colonial e as escolhas estéticas que estruturam sua escrita, com destaque para a estética das minúsculas e para a construção narrativa como espaço de acolhimento de vozes fragilizadas. Como referencial teórico, utilizamos, Bhabha (1998), Hall (2006), Figueiredo (2020), dentre outros. A seção 2 desenvolve o eixo teórico do estudo a partir dos Age Studies e de contribuições fundamentais para compreender o envelhecimento como construção social, avançando ainda para um panorama da velhice na literatura portuguesa contemporânea, em que não se pretende realizar uma análise comparativa entre as obras apresentadas, mas sim utilizá-las como exemplificação da temática da velhice.

Na seção 3, há o aprofundamento da amizade como categoria ética e literária, articulando a *philia* aristotélica e a *amicitia* ciceroniana à reflexão sobre afeto, agência e resistência em contextos de fragilidade. A seção 4 é dedicada à análise de *A máquina de fazer espanhóis*, examinando a construção do Sr. Silva e as formas pelas quais a narrativa representa a institucionalização, o luto e o isolamento, mas também as brechas de reconhecimento que emergem por meio dos vínculos afetivos.

2. O PROJETO LITERÁRIO DE VALTER HUGO MÃE

Valter Hugo Mãe surge como uma voz expressiva da literatura portuguesa contemporânea, cujo projeto literário articula experimentação formal, densidade poética e atenção constante às experiências humanas em situação de fragilidade. Sua obra também se constrói a partir de um olhar sensível para sujeitos marcados por perdas e formas diversas de exclusão, ao mesmo tempo em que coloca em questão convenções narrativas e linguísticas consolidadas. Nesse sentido, o autor não apenas tematiza a condição humana em seus limites, mas elabora uma escrita que busca corresponder formalmente à complexidade dessas vivências.

Seu projeto literário pode, então, ser entendido como resultado da convergência entre sua trajetória biográfica, o contexto histórico-cultural que atravessa sua formação e as escolhas estéticas que recusam hierarquias rígidas da linguagem (Silva, 2019). Além disso, ao mobilizar experiências de não pertencimento e vulnerabilidade social, sua produção constrói um espaço narrativo atento às margens, no qual forma e conteúdo se articulam. A partir dessa perspectiva, este capítulo propõe analisar os elementos que estruturam tal projeto, considerando a relação entre vida e obra, a estética das minúsculas e a construção da narrativa como espaço de acolhimento de vozes fragilizadas.

2.1 Vida, formação e contexto pós-colonial

Valter Hugo Mãe, nome artístico de Valter Hugo Lemos, é um dos autores mais notáveis da literatura portuguesa contemporânea. Sendo escritor, editor, artista plástico e apresentador de televisão, ele construiu uma trajetória marcada pela experimentação estética e também pela reflexão sobre a condição humana. Em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 2014, o autor explica a escolha do sobrenome “Mãe”: para ele, as mulheres, através da maternidade, experimentam o limite da humanidade, pois não existe nada que o ser humano possa realizar de tão mágico ou milagroso quanto a multiplicação da vida. Assim, a partir dessa visão nasce a força do nome artístico, que se converteu em marca e identidade literária. Nesse sentido, interpretamos a adoção do sobrenome “Mãe” como um gesto simbólico que, conforme observa Silva (2018, p. 14), intensifica a força expressiva do nome do autor, ao mesmo tempo em que aponta para uma identidade construída a partir da figura materna. Essa escolha contribui para a diluição de fronteiras formais entre seus diferentes modos de atuação discursiva, uma vez que

o autor se apresenta como um agente de criação e de oferta de vida tanto em suas performances públicas quanto na escrita de seus romances.

Quanto à sua formação, o autor, formado em Direito, acabou por se consagrar na literatura, aprofundando-se posteriormente em uma pós-graduação em Literatura Portuguesa Contemporânea. Ao longo de sua trajetória, recebeu reconhecimento nacional e internacional e entre os prêmios conquistados, destacam-se o Prêmio Almeida Garrett (1999), o Prêmio Literário José Saramago (2007) e o Grande Prêmio Portugal Telecom de Literatura, na categoria de Melhor Romance do Ano (2012). Esses marcos consolidam sua posição como uma voz singular da literatura portuguesa contemporânea e também como um dos autores que mais contribuíram para renovar a narrativa em língua portuguesa nas últimas décadas.

Ao situar sua origem, observa-se que Valter Hugo Mãe nasceu em 25 de setembro de 1971, na cidade de Saurimo, Angola (país da África Central), quando o território ainda era colônia portuguesa. Essa coincidência histórica carrega um peso simbólico: apenas quatro anos depois, em 11 de novembro de 1975, Angola conquistaria a independência. Assim, Valter Hugo Mãe emerge de um “entre-lugar”, termo trazido por Homi Bhabha:

Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singulares ou coletivas – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (Bhabha, 1998, p. 20).

Embora Bhabha discuta o “entre-lugar” principalmente no contexto de migrações e diásporas, a experiência de Valter Hugo Mãe — nascido em Angola durante o colonialismo, deslocado para Portugal no processo de independência e marcado pela sensação de não pertencimento — também opera dentro dessa lógica de identidades fragmentadas e fronteiriças. Assim, o conceito se torna útil para compreender a forma como o autor elabora uma subjetividade híbrida e deslocada, que atravessa sua produção literária. Sobre isso, se tem a sensação de ser quase português, quase angolano, como ele mesmo narra em sua entrevista para o programa *Roda Viva*, em 2022: com o fim da ditadura, ele e outros descendentes de portugueses que habitavam nas colônias sofreram represálias. Pelo que afirma, sempre se viu de uma forma muito “misturada”, vivendo em uma realidade portuguesa que constantemente insistia em mandá-lo embora.

Desse modo, a noção de “entre-lugar”, tal como proposta por Bhabha (1998), auxilia na leitura dessa condição vivida por Valter Hugo Mãe. Pode-se entender essa experiência, portanto, como marcada pela convivência de referências distintas, nas quais Angola e Portugal

não se configuram como polos identitários estáveis, mas como espaços atravessados por tensões históricas e afetivas.

É justamente nesse ponto que se torna produtivo mobilizar também a reflexão de Stuart Hall acerca da constituição identitária. De acordo com o autor:

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. (Hall, 2006, p. 12–13).

A leitura de Hall dialoga com a noção do “entre-lugar” de Bhabha, ao mostrar que a identidade não se define apenas pelo lugar, mas também pela instabilidade no tempo: ela se transforma à medida que o sujeito é constituído por discursos, instituições e memórias coletivas. No caso de Valter Hugo Mãe, sua condição de “mistura”¹, não se limita a uma origem biográfica híbrida, mas se reescreve continuamente nas formas pelas quais ele é percebido e representado. Esse ser “quase-português” e “quase-angolano” que relata não deriva de uma essência identitária, mas resulta dessa dinâmica instável que, conforme sugere Hall, faz com que a identidade seja reelaborada em função dos contextos culturais e históricos que a constituem.

Sendo assim, a mobilização das reflexões de Bhabha (1998) e Hall (2006) não se justifica apenas pela origem biográfica de Valter Hugo Mãe, mas principalmente pela forma como essas experiências e concepções incidem sobre sua produção literária. A infância marcada pelo deslocamento, bem como a vivência em um contexto histórico de transição, contribuem para a constituição de um sujeito cuja identidade se encontra em permanente construção, atravessada por instabilidades e reconfigurações contínuas, aspecto que pode ser percebido, de modo inicial, na presença de personagens idosos institucionalizados em *A máquina de fazer espanhóis*. Mais do que indivíduos isolados, o romance constrói uma coletividade de sujeitos marginalizados pelo tempo, pela memória e pela exclusão social, personagens que vivem em uma espécie de suspensão entre o passado e o presente, entre a vida ativa e a espera da morte, o que reforça a ideia de identidades instáveis, sem pertencimento pleno a um local.

¹ Foi decidido adotar esse termo por se tratar de uma expressão utilizada pelo próprio autor em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, em 2022.

Essa atenção às experiências de fragilidade e exclusão manifesta-se também na forma como o narrador conduz o olhar do leitor para as vivências íntimas dessas personagens. Acerca desse ponto, Silva (2018, p. 11) interpreta que: “Narrador e autor se mostram empáticos especialmente com os excluídos [...] Essa posição já foi corroborada em outros ensaios e artigos que falam sobre a marginalidade dos personagens, excluídos sociais ou minorias”. Assim, da solidão de um idoso que ingressa em uma Instituição de Longa Permanência enquanto atravessa o luto pela morte da esposa até a angústia de um jovem perseguido pela ditadura salazarista, ou ainda a experiência de Dona Marta, idosa que passa grande parte da narrativa à espera de uma carta do marido que a internou, seus personagens reiteram a presença de sujeitos fragilizados e deslocados.

A reflexão sobre a constituição identitária e o não pertencimento, a partir das contribuições de Bhabha e Hall, permite compreender os temas, os personagens recorrentes na obra de Valter Hugo Mãe e mostra a forma como essas questões se manifestam em sua escrita. Sobre isso, a instabilidade e a recusa de identidades fixas, discutidas no plano narrativo, não permanecem restritas às personagens, mas atravessam igualmente as escolhas formais do autor. Nesse sentido, torna-se necessário observar de que modo tais princípios se materializam na linguagem literária, o que conduz à análise de um dos aspectos mais característicos de sua obra: a estética das minúsculas.

2.2 A estética das minúsculas

Valter Hugo Mãe apresenta uma produção vasta e multifacetada, transitando entre a poesia, o conto, o romance, a literatura infantil e até a canção. Existe, então, a chamada “tetralogia das idades”, conjunto que se estrutura a partir de quatro fases decisivas da experiência humana: o percurso inicia com *O nosso reino*, centrado na perspectiva infantil; depois, *O remorso de Baltazar Serapião* (2006), que associa-se ao período juvenil; a etapa adulta é contemplada em *O apocalipse dos trabalhadores* (2008), que acompanha o cotidiano de duas mulheres que trabalham como diaristas; encerrando o conjunto, *A máquina de fazer espanhóis* que apresenta a velhice por meio da trajetória de António Jorge Silva (Lourenção, 2023).

Acerca da sua escrita, ela se propõe a retratar, com olhar poético e crítico, tanto as misérias quanto as belezas da humanidade. Esse projeto estético é marcado por uma linguagem

contemporânea/poética, caracterizada por experimentações tipográficas e sintáticas, especialmente na chamada “tetralogia das minúsculas”, que reúne seus primeiros romances e adota uma proposta que se manifesta na escrita inteiramente em minúsculas e na opção por reduzir os sinais de pontuação, incluindo aqueles que normalmente indicariam perguntas, exclamações ou a fala direta das personagens (Lourenção, 2023). Nesse sentido, ao abdicar do uso de maiúsculas, bem como do maior número possível de sinais de pontuação, incluindo, nas primeiras obras, a grafia do próprio nome em minúsculas, o escritor cria uma prosa em fluxo que busca acompanhar o movimento do pensamento, sem estabelecer hierarquias rígidas entre as palavras. Como observa Figueiredo:

VHM parece trazer aspectos básicos da relação escrita e pensamento, como os sentidos do uso de sinais de pontuação, interrogação e exclamação, e do uso de letras maiúsculas e minúsculas. O uso das letras minúsculas pode significar igualdade, mas em cada narrativa, a partir das várias atmosferas construídas, elas suscitam algo específico, e, sobretudo, mediam uma relação tensa entre igualdade e diferença. (Figueiredo, 2020, p. 13)

De acordo com o próprio autor, em entrevista concedida ao *Roda Viva* em 2014: “não pensamos com maiúsculas”, e a escrita deve refletir esse modo bruto e imediato de elaboração do mundo. Ou seja, o gesto de escrever em minúsculas não é colocado apenas de forma estilística: é uma postura filosófica que reivindica igualdade e questiona as formas de autoridade implícitas na própria língua. Podemos encontrar exemplos dessa relação com a oralidade ao longo da narrativa de *A máquina de fazer espanhóis*, na qual o discurso se constrói de maneira contínua, sem marcas rígidas de separação ou hierarquização. No trecho “(...) mas não posso voltar para casa sem ela. não a posso deixar aqui sozinha. não estaria sozinha. estaria sozinha de mim, que é a solidão que me interessa e a de que tenho medo (...)” (Mãe², 2016, p. 29), observa-se como a ausência de maiúsculas contribui para a criação de um ritmo confessional, aproximando o texto do pensamento da personagem.

Esse artifício, portanto, reforça uma estética que “busca a equanimidade entre as vozes narrativas” (Lourenção, 2013, p. 183), desse modo, há a procura de descentralizar a autoridade linguística, recusando o privilégio tradicional das maiúsculas como marcadores de início, de destaque. Ao nivelar graficamente as palavras, a escrita de Valter Hugo Mãe iguala as vozes e tensiona as hierarquias discursivas, aproximando a expressão escrita da fluidez da fala e do

² Com o intuito de evitar a repetição excessiva do nome Valter Hugo Mãe, passaremos a utilizar, em alguns momentos, a sigla VHM ou o sobrenome Mãe como formas de referência ao autor.

pensamento. Dessa forma, tal estratégia reforça a ideia de que todos os elementos discursivos possuem igual condição, e que a compreensão do enredo nasce justamente da atenção ao fluxo contínuo da linguagem.

Nesse contexto, o uso das letras minúsculas pode ser relacionado também à construção de um sujeito narrativo fragilizado. Ao retirar da escrita os sinais gráficos que tradicionalmente organizam e hierarquizam o discurso, como as maiúsculas e a pontuação normativa, o texto passa a representar um sujeito menos afirmativo. Em *A máquina de fazer espanhóis*, essa escolha formal dialoga com a condição do senhor Silva, um personagem que traz a velhice, o luto e a sensação de deslocamento no mundo. Assim, a escrita em minúsculas não apenas acompanha o fluxo de seus pensamentos, mas também contribui para expressar a perda e a instabilidade emocional.

Além disso, a ausência de maiúsculas tende a enfraquecer a noção de centralidade do sujeito, já que nem mesmo o nome próprio recebe destaque gráfico. Esse apagamento simbólico pode ser lido como um reflexo da forma como o personagem se percebe: alguém que, diante da morte da esposa e da proximidade do fim da vida, já não ocupa um lugar de protagonismo pleno. Dessa maneira, a linguagem utilizada por Valter Hugo Mãe permite que o leitor experimente a fragilidade dos sujeitos não apenas por meio do enredo, mas também através da escrita. Essa relação reforça a coerência entre o projeto estético do autor e a construção psicológica das personagens, sem reduzir o recurso tipográfico a um mero efeito estilístico.

Ao aproximar sua escrita da oralidade através do uso de minúsculas, torna-se possível perceber de forma mais nítida a relação que se constrói entre leitor e personagem. Então, quando adentrarmos a narração do senhor Silva, não acessamos apenas os acontecimentos exteriores, mas somos conduzidos ao interior de sua memória: seus sentimentos mais profundos em relação à Laura, sua esposa falecida; o luto que o atravessa de maneira quase silenciosa; sua percepção da morte como presença contínua; e sua leitura da vida que, mesmo na velhice, ainda insiste em acontecer ao seu redor. Assim, a entrada na narrativa equivale à entrada em sua consciência, acompanhando de perto o movimento fragmentado de suas percepções.

Acerca disso, compreendemos que determinados efeitos de fluxo de consciência³ ocupam um lugar relevante na escrita de Valter Hugo Mãe, na medida em que atendem à necessidade de expor, de modo minucioso, o universo interno das personagens, sem que a narrativa perca sua inteligibilidade. Esse procedimento permite acompanhar até as menores variações em seu estado mental e contribui para uma construção mais profunda delas, ao trazer à tona sentimentos, lembranças e reflexões, resultando em um discurso marcado por maior liberdade e subjetividade (Miranda, 2024). Desse modo, é possível pensar a escrita do autor como uma experiência que se aproxima do monólogo interior, valendo-se de técnicas narrativas de interiorização que se manifestam ao longo da narrativa, como se observa no trecho a seguir:

o cemitério é um lugar de incômoda vida. acusa a vida no limiar do perceptível que acontece aos olhos de quem se habitua ao movimento quase nenhum. o gasto do lugar morto de cada pessoa, o desbotado das fotografias ao sol que já não mostram cor e afunda os rostos no papel lentamente como a irem-se embora. há uma manifestação mínima que é como a comunicação possível com quem já não comunica, com quem já não existe mas deixa uma pobre memória ali materializada do que foi. é apenas mais um aspecto tolo do que ali se pode perceber, porque a verdade do que se passa é que no inerte subsolo o que acontece só se compara com o apocalipse de todos os sentidos até à cessação da mais ínfima graça de se ter estado vivo. não há um silêncio apaziguador das lajes, que ideia estúpida, seria uma esperança inútil que a morte fosse o lado da aragem que passa por cima dos túmulos a espanar as flores murchando. as flores murchando, cortadas, arrancadas de suas raízes como involuntariamente também sacrificadas em louvor de alguém. (Mãe, 2016, p.113, 114)

Assim, a escrita em minúsculas pode ajudar a acentuar essa continuidade do pensamento, eliminando as interrupções formais que poderiam impor ordem rígida à experiência descrita. Então, o leitor é conduzido a acompanhar o movimento interno da consciência, imerso na mesma temporalidade lenta e até mesmo angustiada da personagem como se observa no trecho em que o narrador confessa:

senti-a deixar-me ali, correndo para os braços do seu marido e dos meus netos, onde a vida era feita das coisas de sempre. e com cores nas paredes, pensava eu. no lar, por todo o lar, as paredes são brancas e entre o vazio mais intenso do céu e a candura das paredes não há diferença. sentimo-nos cegos. (Mãe, 2016, p. 40)

A fluidez sintática e a ausência de maiúsculas surgem reforçando a sensação de abandono afetivo, ao mesmo tempo em que a oposição entre as “cores” da vida exterior e o

³ Optamos, neste trabalho, pelo uso da expressão “efeitos de fluxo de consciência” para designar procedimentos narrativos de interiorização presentes na obra analisada. Ressaltamos que não pretendemos aprofundar ou aplicar, de forma sistemática, às teorias clássicas do fluxo de consciência desenvolvidas por diferentes teóricos, mas apenas reconhecer a recorrência de estratégias narrativas que evidenciam a representação da vida psíquica das personagens. O romance privilegia a perspectiva subjetiva do protagonista, António Jorge Silva, cujo discurso é atravessado por memórias, reflexões e afetos que se encadeiam segundo uma lógica mais emocional do que cronológica.

branco asséptico do lar explicitam a experiência de apagamento subjetivo vivida pela personagem.

Desse modo, a forma como o pensamento é representado não está separada dos temas que o autor escolhe abordar, e o apagamento gráfico das hierarquias ecoa o interesse do autor por indivíduos vulneráveis ou silenciados, como os idosos — exatamente o público que ocupa o centro de *A máquina de fazer espanhóis*.

2.3 A narrativa como espaço de vulneráveis

Ao observar o conjunto da obra de Valter Hugo Mãe, percebe-se que sua escrita tematiza a vulnerabilidade. Dessa forma, além de representar sujeitos fragilizados, o autor transforma a própria narrativa em um território onde tais sujeitos podem pensar e reivindicar a existência, com suas características que compreendem as dualidades humanas, sejam elas boas ou ruins.

Por conseguinte, pode ser entendido que VHM explora um lugar em que concebe suas personagens como seres em permanente desajuste, vivendo nos espaços da sociedade contemporânea. Em *A máquina de fazer espanhóis* - foco deste estudo - a instituição reflete um espaço de exclusão e, simultaneamente, de sobrevivência, ainda que não se exclua a presença de cuidado e afetos neste lugar. Ali, embora apartadas do restante da sociedade, pessoas idosas, frequentemente invisibilizadas pelo ritmo acelerado da vida moderna, recuperam a possibilidade de narrar suas trajetórias e de reinscrever seus próprios sentidos de pertencimento. Desse modo, o romance não apenas representa a velhice, mas desarticula a lógica cultural que confina ao silêncio - às paredes brancas, como descrito na obra - instaurando um espaço narrativo em que a memória e a vontade ainda podem atuar.

Sob esse viés, concedendo voz a sujeitos cujas experiências muitas vezes permanecem silenciadas, o autor desafia hierarquias sociais que separam vidas consideradas plena e legitimamente humanas daquelas percebidas como menos relevantes. A própria forma narrativa, a “estética das minúsculas”, sinaliza uma recusa a hierarquias sociais, convertendo-se em um operador que, pela linguagem, questiona normas culturais naturalizadas: se as maiúsculas instauram ordem, delimitação e centro, as minúsculas, ao contrário, instauram fluxo, fala. Então, a ausência de marcadores rígidos de início e de autoridade reorganiza o gesto de leitura, exigindo do leitor não uma recepção passiva, mas uma escuta ativa, sensível às nuances da consciência narrada.

Nesse cenário, podemos perceber uma vulnerabilidade inaugural na figura do protagonista, o senhor Silva, logo no momento em que é colocado no Lar da Feliz Idade pela filha, enquanto atravessa o luto pela morte da esposa. Sua perspectiva inaugura a narração, desvelando de imediato a violência simbólica que permeia seu deslocamento:

A laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher. depois, ainda nessa mesma tarde, trouxeram uma imagem da nossa senhora de fátima e disseram que, com o tempo, eu haveria de ganhar um credo religioso, aprenderia a rezar e salvaria assim a minha alma. (Mãe, 2016, p.37)

A cena evidencia algo, ao mesmo tempo que retiram dele o álbum, símbolo de uma história e de uma afetividade que lhe pertence, tentam introduzir um novo sentido de vida, prescritivo, que não nasce de sua experiência, mas da projeção alheia sobre o que ele deveria sentir ou crer. A retirada das fotografias, seguida da imposição de uma crença religiosa, pode funcionar como uma metáfora do apagamento e da tentativa de substituição identitária, revelando a lógica de tutela que a sociedade exerce sobre aqueles considerados frágeis demais para administrar o próprio sofrimento.

A potência dessa passagem reside justamente em como o autor expõe a contradição entre cuidado e controle. A família e a instituição acreditam agir para proteger e cuidar do senhor Silva, mas o fazem ao custo de desautorizar sua dor, domesticando-a. A vulnerabilidade torna-se, assim, não apenas um estado da personagem, mas uma zona de conflito ético: quem tem o direito de decidir o que um sujeito pode ou não lembrar? O que pode ou não sofrer? Nesse ponto, Valter Hugo Mãe evidencia que a violência não se manifesta somente no abandono narrado pelo protagonista, mas também nos gestos cotidianos que, sob o pretexto de amparo, anulam a autonomia do outro.

Esse movimento de silenciamento e de tutela não se restringe à experiência do senhor Silva, mas atravessa outras vozes que compõem o espaço narrativo do lugar. A narrativa abre espaço para que diferentes idosos compartilhem suas trajetórias, revelando que a vulnerabilidade ali vivida não é individual.. É o que se observa no relato do senhor Pereira, que, ao dialogar com o protagonista, descreve sua própria chegada ao lar: “eu estive quase três meses de bico calado, mas foi porque os meus filhos se portaram como uns estupores e só quiseram pôr a mão no meu dinheiro, que ainda por cima não abundava” (Mãe, 2016, p. 48). O silêncio

prolongado a que ele se refere não decorre de uma incapacidade de fala, mas pela quebra de confiança e redução de sua existência a um valor material.

A idosa Dona Marta também se inscreve entre as experiências de vulnerabilidade que atravessam o espaço do Lar. No excerto em que sua trajetória é apresentada, lê-se que “[...] explicou-me que a dona Marta era casada com um homem doze anos mais novo e que a ida dela para o lar abriu caminho para que ele lhe tomasse a administração dos bens e os gozasse sem se preocupar com voltar” (Mãe, 2016, p. 54). Tal situação sugere que o afastamento da personagem de seu ambiente doméstico não se limita a uma mudança espacial, mas implica igualmente uma reconfiguração das relações que sustentavam sua vida anterior. A perda do controle sobre os próprios bens, agora intermediada por terceiros, evidencia como o ingresso na instituição pode operar como um dispositivo de deslocamento do idoso para uma posição de menor agência. À semelhança do que ocorre nos relatos do senhor Silva e do senhor Pereira, a vulnerabilidade de Dona Marta não se manifesta como resultado de um episódio isolado, mas como efeito de um processo no qual decisões tomadas sob o pretexto do cuidado — ou motivadas pela ganância — acabam por restringir progressivamente sua autonomia e ainda que estar no lar foi alienação, exclusão social, por familiares que tinham intenções materiais em detrimento da responsabilidade do cuidado.

A partir dessas experiências, fica evidente que a vulnerabilidade vivida pelas personagens não se restringe ao momento da institucionalização, mas se prolonga na vivência diária da velhice, marcada pela perda de vínculos e pela solidão. A instituição passa a condensar essas ausências, tornando-se um espaço onde o tempo desacelera e onde a memória e o isolamento ganham centralidade na experiência dos idosos. É nesse ponto que a narrativa de Valter Hugo Mãe nos conduz a refletir mais diretamente sobre a velhice e sobre as formas de solidão que a atravessam, dimensão que será aprofundada no próximo capítulo.

3. VELHICE, SOLIDÃO E REPRESENTAÇÃO LITERÁRIA

O fenômeno do envelhecimento, embora seja uma etapa inevitável da trajetória biológica humana, é frequentemente envolto em uma “conspiração do silêncio”, em que a sociedade trata o envelhecimento como algo vergonhoso, sobre o qual não se deve falar. Assim, apagando os idosos do discurso cultural e simbólico e enquanto outros grupos etários recebem ampla atenção, os velhos são invisibilizados e excluídos (Beauvoir, 2018, p.7).

Diante desse quadro, o presente capítulo propõe-se a percorrer criticamente um conjunto de reflexões sobre o envelhecimento que se situam para além do campo tradicional da gerontologia, privilegiando abordagens oriundas das ciências humanas e sociais e partindo de um panorama dos debates contemporâneos, especialmente aqueles vinculados aos *Age Studies*. Em seguida, busca-se investigar de que modo a literatura, ao representar corpos, memórias e subjetividades envelhecidas, reflete essas condições e também contribui para que haja questionamentos sobre as percepções sociais e afetivas da velhice. Por fim, busca examinar o impacto da solidão e do isolamento institucional na experiência do envelhecer.

3.1 Estudos sobre envelhecimento

Apesar desse silenciamento histórico, é possível observar, nos últimos anos, uma ampliação da presença do tema do envelhecimento em instâncias públicas de debate, incluindo o campo educacional. Propostas recentes de exames nacionais de grande alcance, como o Exame Nacional do Ensino Médio e a Prova Nacional Docente, têm incorporado reflexões sobre a velhice e o idadismo, o que sinaliza o reconhecimento institucional da questão no debate social contemporâneo.

Nesse sentido, destacam-se os chamados *Age Studies*, que surgem como uma área de abordagem distinta e complementar à gerontologia tradicional, uma vez que não se restringem aos aspectos médicos ou demográficos do envelhecimento, mas se dedicam a compreender como a idade é pensada e vivida ao longo da vida. Trata-se de um campo interdisciplinar que dialoga sobretudo com as ciências sociais e com as humanidades, interessando-se pelas representações da velhice e pelas experiências concretas dos sujeitos que envelhecem, deslocando o foco da velhice entendida apenas como perda ou declínio para uma leitura mais

ampla das condições sociais que atravessam esse processo. Como afirma Katz (2014), “A vantagem dos estudos sobre envelhecimento é que eles não são necessariamente uma forma de gerontologia, e podem se libertar de alguns dos compromissos disciplinares e científicos da gerontologia” (Katz, 2014, p. 21, tradução nossa⁴). Esse pensamento permite aos *Age Studies* incorporar perspectivas biográficas, narrativas, bem como análises críticas sobre o corpo e a memória, ao mesmo tempo em que examinam os modos pelos quais as sociedades contemporâneas organizam e atribuem sentido à velhice e ao envelhecimento, sendo, portanto, um campo útil para pesquisas interdisciplinares.

Como pensadora desse contexto, destaca-se a filósofa Simone de Beauvoir, que, em *A velhice* (1970), sustenta a premissa de que o envelhecimento não pode ser reduzido a um simples processo de declínio biológico. Para a autora, o envelhecimento é uma “realidade dialética”, resultante da interação entre as transformações do corpo e as condições sociais que dão sentido à experiência de envelhecer. Ainda que a deterioração fisiológica seja inevitável, uma vez que “todas as funções fisiológicas do velho ficam reduzidas ou enfraquecidas” (Beauvoir, 2018, p. 22), o significado social da velhice não é natural, mas historicamente construído. Beauvoir crítica, assim, a ciência gerontológica moderna quando esta se limita a tratar o idoso como objeto clínico, desconsiderando sua condição de sujeito, cuja experiência só adquire inteligibilidade dentro de um contexto social, econômico e cultural específico.

Historicamente, Beauvoir (2018) apresenta que o lugar social destinado aos idosos variou conforme sua utilidade para as estruturas de produção e de propriedade de cada sociedade. Como afirma a autora, “toda sociedade tende a viver, a sobreviver; exalta o vigor e a fecundidade, ligados à juventude; teme o desgaste e a esterilidade da velhice” (Beauvoir, 2018, p. 45). Ainda segundo a autora, em comunidades nômades de subsistência, essa lógica frequentemente resultava no abandono, ou mesmo na eliminação, dos indivíduos envelhecidos quando a miséria se tornava extrema, pois, como observa, “a miséria sufoca os sentimentos” (Beauvoir, 2018, p. 51). Já em sociedades ocidentais, patriarcais e sedentárias, o idoso podia ser investido de prestígio simbólico, assumindo o papel de guardião da tradição; contudo, tal valorização era muitas vezes superficial, dirigida à posição social ou à posse, e não ao indivíduo concreto.

⁴ No original: “the advantage of age studies is that it is not necessarily a form of gerontology, and it can be liberated from some of gerontology’s disciplinary and scientific commitments.”

Com o advento da modernidade capitalista, essa ambivalência se resolve de forma que o idoso perde seu estatuto de autoridade simbólica e passa a ser percebido como um peso econômico, um “não ativo” que sobrecarrega os “ativos”, segundo a retórica de economistas e legisladores que, como denuncia Beauvoir, sustentam a ilusão de que os velhos constituem uma “espécie estranha”, com necessidades e sentimentos distintos dos demais homens (Beauvoir, 2018, p. 8). Essa desumanização permite à sociedade tratar os idosos como párias, ocultando tal violência sob os mitos da expansão e da abundância. Nesse sentido, Beauvoir (2018) é contundente ao afirmar que para a sociedade preservar sua tranquilidade moral, adota a posição cômoda de não considerar os velhos como homens. Essa lógica de exclusão encontra ressonância na análise contemporânea de Byung-Chul Han (2024) sobre a sociedade do desempenho. Para Han, o sujeito moderno é constituído como um “empresário de si mesmo”, submetido à imperatividade do rendimento contínuo (Han, 2024, p.17). Nesse contexto, a velhice não é vista apenas como perda de utilidade econômica, mas como algo que contraria um sistema que valoriza apenas quem produz. O idoso passa a representar aquele que “não pode mais”, tornando-se invisível em uma cultura que exige atividade constante.

Constituído como um “Outro” radical, o idoso tem sua humanidade questionada justamente quando deixa de ocupar uma função produtiva na engrenagem capitalista. Beauvoir ressalta que essa exclusão é atravessada de maneira decisiva pela clivagem de classe: enquanto as elites podem atenuar os efeitos da velhice por meio do prestígio e dos recursos materiais, para o proletariado ela representa o estágio final da exploração, no qual o corpo exaurido é descartado pelo sistema que dele se serviu. Como observa a Beauvoir (2018), “velho e pobre” tende a constituir quase um pleonasma, evidenciando o fracasso de uma civilização que condena grande parte de seus membros a uma velhice marcada pela marginalização, pela solidão e pelo esvaziamento de sentido .

Ao insistir que “não sabemos quem somos se ignorarmos quem seremos” e ao convocar o leitor a reconhecer-se no idoso que o aguarda no futuro (Beauvoir, 2018, p. 10), a filósofa revela que a questão da velhice não diz respeito apenas a um grupo social específico, mas à própria condição humana. A exclusão do idoso, nesse sentido, não é um problema periférico, mas um sintoma contundente das contradições de um sistema social que consome o sujeito até o esgotamento e o abandona quando ele deixa de produzir.

Na continuidade das reflexões inauguradas por Simone de Beauvoir, o estudo brasileiro de Ecléa Bosi (1994) insere-se de modo consistente no campo dos *Age Studies* ao abordar a velhice como uma experiência social e histórica, e não apenas biológica. Em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, Bosi destaca o papel central dos idosos como portadores da memória coletiva e como aqueles que preservam os vínculos, afirmando:

O reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver do que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente (Bosi, 1994, p. 74).

Enfatizando essa função, Bosi evidencia a velhice como um lugar de transmissão de experiências e sentidos, cuja exclusão implica a perda de uma dimensão fundamental da vida social. No entanto, a autora demonstra que essa função social da velhice é sistematicamente enfraquecida na sociedade contemporânea, especialmente em um contexto orientado pela produtividade e pela eficácia. Bosi observa que, com o avanço da idade, o idoso passa a enfrentar não apenas limitações físicas, mas também a impossibilidade de comunicar e transmitir aquilo que aprendeu ao longo da vida, situação que se agrava quando faltam meios materiais e simbólicos para a comunicação. Nesse sentido, a autora registra: “A mão trêmula é incapaz de ensinar o aprendido. É a impotência de transmitir a experiência, quando os meios de comunicação com o mundo falham. Ele não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou toda uma vida para aprender” (Bosi, 1994, p. 79). Tal condição contribui para o isolamento progressivo do idoso e para a ruptura das trocas intergeracionais.

No plano das relações familiares e sociais, Bosi descreve expectativas normativas rígidas impostas aos idosos, que intensificam processos de exclusão e silenciamento. A autora afirma:

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar. (Bosi, 1994, p. 76)

Esse processo é acompanhado, segundo Bosi, por um declínio lento e consciente, no qual o próprio idoso passa a reproduzir o discurso da utilidade social, afirmando: “É assim mesmo que deve acontecer, a gente perde a serventia, dá lugar aos moços [...]Para que serve

um velho, só para dar trabalho...” (Bosi, 1994, p. 76). Dessa forma, a autora evidencia como a ideologia da eficiência é internalizada pelos próprios sujeitos envelhecidos.

Ao tratar da velhice na sociedade industrial, Bosi explicita a relação entre envelhecimento, trabalho e exclusão social, afirmando: “A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor. [...] O velho não participa da produção, não faz nada: deve ser tutelado como um menor” (Bosi, 1994, p. 77–78). Nesse contexto, a autora destaca que a desvalorização da velhice está diretamente associada ao predomínio da mercadoria sobre o homem, uma vez que “quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização” (Bosi, 1994, p. 78). Nesse sentido, a noção social de velhice estaria profundamente atravessada pelas desigualdades de classe e pelas estruturas econômicas.

Nesse mesmo horizonte crítico, o estudo de Eneida Gonçalves de Macedo Haddad contribui para compreender a velhice como uma construção social atravessada pelas contradições da sociedade capitalista. Ao analisar a forma como o envelhecimento é tematizado no discurso especializado, a autora observa que “a ‘problemática’ da velhice é analisada pelos teóricos, tratada como se não fosse produto de uma totalidade própria, nem possuísse uma história, fruto das contradições da sociedade capitalista” (Haddad, 2017, p. 125). Haddad denuncia, assim, a autonomização do tema da velhice em relação às condições materiais que o produzem, destacando o papel dos chamados “ideólogos da velhice”, cujas representações, segundo a autora, “ocultam a realidade concreta e, por conseguinte, a produção social da velhice na sociedade de classes brasileira” (Haddad, 2017, p. 18). No desenvolvimento dessa crítica, a autora evidencia como determinadas propostas institucionais e pedagógicas acabam por reforçar processos de alienação, ao invés de enfrentarem as bases estruturais da exclusão vivida pelos idosos. A autora afirma que, sob o discurso da educação e da intervenção técnica, constrói-se “uma educação da alienação, para a alienação e pela alienação” (Haddad, 2017, p. 139), na medida em que se atribui ao próprio idoso, à ciência ou às instituições a responsabilidade por resolver uma condição que é socialmente produzida.

Seguindo essa perspectiva no contexto brasileiro⁵, destaca-se também o trabalho de Minayo e Coimbra Jr. (2002), intitulado: *Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o*

⁵ Embora a obra reflita um contexto português, recorreremos aos estudos brasileiros citados a fim de contemplar pesquisas mais recentes sobre a temática. Ademais, consideramos que a condição dos idosos em Portugal não se distancia significativamente daquela vivenciada no Brasil, uma vez que ambos se inserem em sociedades ocidentais marcadas por desafios culturais e institucionais semelhantes no que concerne ao envelhecimento.

fenômeno social do envelhecimento e sintetizado na afirmação: “O que torna a velhice sinônimo de sofrimento é mais o abandono que a doença; a solidão que a dependência” (Minayo; Coimbra Jr., 2002, p. 14). Ao formular tal proposição, os autores deslocam o eixo interpretativo da velhice do domínio estritamente biomédico para o âmbito das relações sociais, ressaltando que o sofrimento associado ao envelhecimento decorre, sobretudo, de processos de isolamento e negligência dos vínculos sociais. Essa leitura converge com as abordagens dos *Age Studies*, ao entender a velhice como uma experiência socialmente construída, atravessada por determinantes institucionais e afetivos, e não como resultado direto e inevitável de um possível adoecimento ou perda da autonomia física.

No desenvolvimento de sua análise, os autores destacam as transformações recentes nas formas de compreender o envelhecimento, especialmente a emergência da noção de “terceira idade” como uma construção social específica. Eles afirmam que “a expressão mais cabal desse seu papel na redefinição de espaços é a ideia contemporânea de terceira idade, uma nova construção social acrescentada às etapas da vida, referida entre a vida adulta e a velhice propriamente dita” (Minayo; Coimbra Jr., 2002, p. 20). Nessa leitura, essa categoria passou a nomear a população entre 60 e 75 anos, inicialmente no contexto europeu, onde a expectativa de vida alcança patamares elevados, e posteriormente difundiu-se em escala global. Ainda segundo Minayo e Coimbra Jr., a consolidação dessa nova etapa da vida está diretamente vinculada aos avanços científicos e tecnológicos na área da saúde, sobretudo no que se refere à prevenção e ao tratamento de doenças crônicas, ressaltando que essa “invenção” social da terceira idade acompanhou o desenvolvimento de parâmetros cada vez mais definidos sobre o curso da vida humana, bem como a ampliação de tecnologias médicas “reconhecidamente eficazes e precisas” (Minayo; Coimbra Jr., 2002, p. 20). Dessa forma, para os autores, as representações contemporâneas do envelhecimento resultam de processos históricos e científicos específicos, que coexistem com realidades marcadas pelo abandono de uma parcela significativa da população idosa.

Nesse horizonte crítico, percebe-se que *A máquina de fazer espanhóis*, obra base deste trabalho, oferece uma formulação literária que dialoga diretamente com as reflexões dos *Age Studies* ao deslocar a velhice de uma condição isolada para uma posição relacional e histórica. Em determinado momento da narrativa, o narrador, senhor Silva, reconhece a assimetria temporal que o separa dos mais jovens, afirmando que: “Podias aproveitar um pouco mais a

nossa amizade, porque estamos a anos-luz da tua idade, mas temos um passado que é genericamente o teu presente e o teu futuro” (Mãe, 2016, p. 75). A observação não se constrói como queixa, mas como consciência da velhice enquanto lugar de memória e de experiência socialmente produzida, reforçando a ideia de que envelhecer não significa ocupar um tempo morto, mas habitar uma temporalidade composta por camadas de vivência.

Ao final deste percurso teórico, torna-se possível compreender como essas construções sociais da velhice fornecem o pano de fundo para as representações literárias do envelhecimento, abrindo caminho para o próximo subtópico, que se dedica à análise da velhice na literatura portuguesa contemporânea.

3.2 Velhice na literatura portuguesa contemporânea

No âmbito da literatura portuguesa contemporânea, a velhice constitui o recorte temático adotado neste estudo, a partir da análise de narrativas produzidas nas últimas décadas do século XX, narrativas que incorporam o envelhecer como tema, afastando-o de uma leitura estritamente biológica e aproximando-o da experiência vivida. A crítica literária que se debruça sobre esse *corpus* observa que autores como Lídia Jorge, António Lobo Antunes e José Saramago também abordam a velhice como eixo temático em algumas de suas narrativas, fazendo dela um ponto de articulação entre tempo, corpo e finitude. Constata-se que justifica a presença recorrente desses textos nos estudos dedicados à literatura portuguesa contemporânea (Soares, 2024; Pinela, 2022; Gomes; Siqueira, 2020). Trazemos algumas das obras dos autores citados a título de exemplificação.

3.2.1 Lídia Jorge - *Misericórdia*: a representação do corpo envelhecido

A obra *Misericórdia*, de Lídia Jorge, constrói-se a partir do quotidiano de um lar de idosos, o Hotel Paraíso, espaço que funciona como cenário central da narrativa e como lugar privilegiado de observação da velhice na sociedade contemporânea. Desde o início, o lar é apresentado por meio de um discurso institucional que procura suavizar a experiência da institucionalização, afirmando que “Aqui, todos juntos, somos uma família tranquila” e solicitando que o visitante “deixe sobre estes portais quaisquer sinais de melancolia ou tristeza” (Jorge, 2022, p. 8), esse tom contrasta com a vivência concreta dos residentes e antecipa a dimensão crítica do romance. A leitura de Soares (2024), propõe que o romance desenvolve “uma análise, constante e compassiva, sobre aquilo que pode acontecer num lar de terceira

idade” (Soares, 2024, p. 15), ancorando-se numa realidade social amplamente reconhecível, marcada pelo envelhecimento da população portuguesa.

Diante disso, a história acompanha o dia a dia de Maria Alberta Nunes Amado, dona Alberti, residente voluntária da instituição, cuja voz organiza a narrativa ao registrar acontecimentos aparentemente banais: visitas, partidas, pequenas discussões e afetos que, no entanto, revelam as formas pelas quais a velhice é vivida em um espaço coletivo, onde o sujeito pode tornar-se socialmente invisível, sensação expressa pela própria narradora ao afirmar “avanço como se fosse transparente” (Jorge, 2022, p. 334).

Soares (2024) traz que o eixo central do romance é a representação do corpo envelhecido, entendida como lugar onde ainda pulsa uma vida interior ativa. Dessa forma, para a autora, *Misericórdia* procura mostrar “uma metamorfose da percepção do que é, ou do que pode ser, um corpo tido por ‘envelhecido’” (Soares, 2024, p. 15), recusando imagens fixas de decrepitude e passividade associadas à terceira idade. Ainda nesse eixo, Soares (2024) sublinha que *Misericórdia* constrói uma crítica ao modo como a velhice é tornada invisível mesmo em ambientes coletivos, ao comentar o episódio em que dona Alberti é esquecida antes do almoço, a autora expõe que essa invisibilização é vivida como uma forma antecipada de morte simbólica: “a sua invisibilização num espaço repleto de pessoas é experienciada pela própria como uma pequena morte, ou seja, como o estágio inicial de um esquecimento que não deixará, com o tempo, de se enraizar” (Soares, 2024, p. 26). O romance, assim, associa a velhice não só à fragilidade do corpo, mas também à perda de reconhecimento social, a invisibilização, mais do que o isolamento físico, torna-se uma forma silenciosa de exclusão.

Um outro episódio que acentua o tratamento com o corpo envelhecido ocorre mais adiante no romance, ao meio-dia e meia de um domingo de verão, quando o Hotel Paraíso enfrenta uma invasão de formigas. A situação excepcional exige uma intensificação dos procedimentos de higiene, criando um ambiente de pressa e de execução mecânica das tarefas, é nesse contexto que dona Alberti descreve o modo como o seu corpo é tratado, chamando a atenção para a ausência de comunicação durante o procedimento: “Tratam o meu corpo e não falam comigo?” (Jorge, 2022, p. 205). O corpo da idosa surge, então, como algo que é movimentado e organizado externamente, comparado a “uma peça mal articulada” e, por fim, a um “velho manequim de plástico” (Jorge, 2022, p. 205-206). Outro detalhe é que, nesse tratamento, a exposição da nudez da protagonista acontece sem aviso ou consentimento, perante

outras pessoas presentes no quarto, suspendendo qualquer possibilidade de escolha sobre a própria intimidade. Ainda que a situação esteja ligada a uma necessidade prática de cuidado, o episódio evidencia como, naquele momento, o corpo se sobrepõe à pessoa, e a interioridade de dona Alberti deixa de ser considerada. Ao comentar cenas assim, Soares (2024, p. 17) observa que o romance chama a atenção para situações em que o cuidado institucional tende a concentrar-se na gestão do corpo, o que pode resultar num sentimento de despersonalização por parte dos sujeitos envelhecidos. Ainda assim, a crítica do romance não se dirige propriamente à existência da instituição, nem ao ato de cuidar em si, mas às formas impessoais e silenciosas pelas quais esse cuidado pode ser exercido, quando a atenção ao corpo não é acompanhada pelo reconhecimento da pessoa que nele habita.

3.2.2 António Lobo Antunes - *Sôbolos Rios que vão*: envelhecimento como experiência

Passando pela obra *Sôbolos Rios Que Vão*, de António Lobo Antunes, percebe-se que a velhice é apresentada a partir de uma perspectiva fortemente subjetiva, construída por meio de uma escrita fragmentada que acompanha o funcionamento irregular da memória e da consciência envelhecida. A narrativa organiza-se como uma sucessão de lembranças descontínuas do narrador, em que passado e presente se misturam, produzindo uma vivência do tempo marcada por interrupções e retornos insistentes a determinados episódios, como se observa quando o narrador afirma: “não estava no hospital em março, à chuva, estava em agosto na vila” (Antunes, 2010, p. 5). Essa oscilação temporal evidencia uma percepção do tempo não linear, própria de uma consciência atravessada pelo envelhecer e pela doença. Nesse sentido, Pinela (2022) observa que o envelhecer no romance se configura como uma experiência em que “as dores (físicas), os sofrimentos (simbólicos) e os tempos (memória) se dão a ver” (Pinela, 2022, p. 52), o que permite compreender a fragmentação do texto não apenas como um recurso formal, mas como expressão da própria condição do sujeito envelhecido.

A presença constante do corpo doente e envelhecido reforça essa relação entre forma narrativa e experiência vivida, uma vez que o sofrimento físico se projeta diretamente na voz que narra. Acerca disso, o corpo é apresentado por meio de imagens orgânicas, como na metáfora em que a doença é descrita como “o ouriço de um castanheiro dantes à entrada do quintal e hoje no interior de si a que o médico chamava cancro aumentando em silêncio” (Antunes, 2010, p.4.), reforçando a maneira como o adoecimento se instala no corpo do

narrador. Pinela (2022) destaca que o romance constrói um discurso no qual a doença é vivida simultaneamente como dor corporal e como sofrimento pessoal, condição que conduz o narrador a uma posição de contemplação da vida a partir da janela do hospital (Pinela, 2022, p. 62), e essa situação é concretizada na imagem recorrente do sujeito imobilizado no romance, para quem: “da janela do hospital em Lisboa não eram as pessoas que entravam nem os automóveis (...) era o comboio a seguir aos pinheiros” (Antunes, 2010, p.4). Desse modo, o romance associa o envelhecer ao confronto contínuo com a memória, com a finitude, com os limites do corpo, todos condensados na imagem extrema da decadência física: “a miséria do seu corpo no escuro” (Antunes, 2010, p. 9).

3.2.3 José Saramago - *As intermitências da morte* : envelhecimento e morte social

Por fim, em *As intermitências da morte*, José Saramago constrói uma narrativa em que a morte deixa de ocorrer, fato que desencadeia uma série de problemas sociais e institucionais e, desse modo, evidencia as dificuldades da sociedade em lidar com a velhice e com os doentes terminais, revelando o desconforto diante da finitude. Como afirmam Gomes e Siqueira (2020), o romance constitui “uma contundente reflexão sobre a realidade da velhice e sobre o modo de a sociedade com ela se relacionar”, uma vez que a velhice, entendida como etapa próxima da morte, tende a ser afastada das preocupações centrais da vida social (Gomes; Siqueira, 2020, p. 53). No romance, esse afastamento manifesta-se quando os corpos envelhecidos deixam de cumprir uma função socialmente produtiva e passam a ser administrados por instituições de acolhimento. Saramago explicita esse cenário ao descrever o crescimento descontrolado dos chamados “lares do feliz ocaso”, que se tornam símbolo da exclusão dos idosos do convívio social: “[...] será necessária cada vez mais gente para tomar conta deles, dando em resultado que o rombóide das idades virará rapidamente os pés pela cabeça, uma massa gigantesca de velhos lá em cima, sempre em crescimento.” (Saramago, 2005, p. 21). A imagem da “massa gigantesca de velhos” expõe a transformação da velhice em um problema coletivo, reforçando a ideia de que a sociedade contemporânea tende a afastar os idosos para espaços de administração e controle, em vez de integrá-los à vida social. As pesquisadoras sustentam que, embora exista consciência da relevância da morte para a organização cultural das sociedades, persiste uma tentativa constante de suprimir sua imagem, o que se expressa na dificuldade de oferecer cuidado e afeto aos idosos e moribundos, favorecendo seu esquecimento no curso normal da

vida, em um contexto em que a morte do outro passa a funcionar como espelho da própria finitude (Gomes; Siqueira, 2020, p. 53).

Nesse sentido, o romance associa a velhice a processos de isolamento e exclusão social. Gomes e Siqueira (2020) observam que “há muitos tipos de morte e uma delas é a morte social a que é submetida grande parte dos idosos na atualidade”, ressaltando que a morte não ocorre apenas no fim da vida, mas também de forma gradual, ao longo do envelhecimento (Gomes; Siqueira, 2020, p. 53). As autoras chamam atenção, ainda, para o papel das instituições de acolhimento, como os “lares do feliz ocaso”, espaços que evidenciam a ambiguidade do cuidado prestado aos idosos, muitas vezes afastados do convívio familiar.

Retomando a obra que fundamenta este estudo, também ela oferece uma reflexão relevante sobre a velhice institucionalizada. No interior da narrativa de Valter Hugo Mãe, a institucionalização não elimina por completo a possibilidade de vínculo, mas a reconfigura de forma precária e inesperada. Em meio à experiência do lar, o narrador reconhece a formação de uma espécie de comunidade improvável: “uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. unida sem parencas no sangue, apenas no destino de distribuirmos a solidão uns pelos outros.” (Mãe, 2016, p. 168). A formulação evidencia que, mesmo em contextos marcados pela perda de autonomia e pelo afastamento do convívio social mais amplo, ainda se produzem formas de relação que atenuam o isolamento, ainda que não o eliminem e diferentemente da família tradicional, essa convivência não nasce da escolha plena, mas da necessidade, e revela uma solidariedade silenciosa entre sujeitos que reconhecem uns nos outros a mesma condição de vulnerabilidade.

Consideradas em conjunto, as obras de Lúcia Jorge, António Lobo Antunes e José Saramago permitem observar diferentes formas de representar a velhice na literatura portuguesa contemporânea. *Misericórdia* destaca o cotidiano da velhice institucionalizada e a tentativa de preservação da dignidade em contextos de dependência; *Sóbolos Rios Que Vão* privilegia a vivência subjetiva do envelhecer, marcada pela memória e pela dor; já *As intermitências da morte* desloca a reflexão para um plano mais amplo, de caráter coletivo e alegórico. Apesar das diferenças formais e temáticas, essas narrativas convergem ao expor situações de isolamento, fragilização dos vínculos sociais e progressivo afastamento do convívio cotidiano, aspectos que se tornam centrais na compreensão literária do envelhecer.

3.3 Solidão, isolamento, instituições

Retornando a obra de VMH, a institucionalização da velhice aparece nela associada a uma sensação contínua de esvaziamento, em que o tempo parece suspenso e a vida vai sendo lentamente neutralizada pela rotina. O espaço do lar é marcado pela repetição dos gestos, pela ausência de variação e por uma organização que tende a apagar as diferenças, produzindo uma experiência em que os dias se tornam indistintos e as referências pessoais vão perdendo consistência. O lar passa a funcionar, assim, menos como um espaço de acolhimento e, pela perspectiva do protagonista, mais como uma antecâmara da morte, onde o sujeito envelhecido é separado de seus objetos, de sua história e de seus vínculos, vivendo uma solidão que não decorre apenas da ausência do outro, mas da forma como a vida é organizada institucionalmente. É nesse contexto que o narrador sintetiza sua percepção do espaço, com paredes brancas, ao afirmar que “esta brancura é um estágio para a desintegração final” (Mãe, 2016, p. 23).

É possível, então, perceber que a solidão na velhice não pode ser entendida apenas como uma experiência pessoal ou como resultado natural do envelhecimento. Trata-se de um fenômeno social, ligado às formas como a sociedade organiza a vida coletiva e administra o envelhecer, conforme já discutido no início do capítulo. Nesse contexto, a solidão do idoso resulta de processos de silenciamento e perda de reconhecimento social, e não apenas de condições individuais. Simone de Beauvoir, em *A velhice* (1970), já apontava que o isolamento do idoso é produzido socialmente. Segundo a autora, a sociedade moderna afasta o idoso ao retirar dele sua função social e romper seus vínculos com o mundo produtivo e simbólico. A velhice passa, assim, a ser marcada pela perda de lugar na sociedade, e Beauvoir observa que na cultura ocidental e capitalista, muitos idosos são progressivamente afastados da vida coletiva e confinados a espaços privados ou institucionais. Nos asilos, termo trazido pela autora amparada pela data de publicação da obra, afirma a autora, o velho, é “separado de seu passado, de suas coisas, de seus hábitos, perdeu toda a personalidade, não passa de um número” (Beauvoir, 2018, p. 277). É importante destacar, ainda, que, embora *A velhice*, de Simone de Beauvoir, seja um texto da década de 1970, e que o envelhecer daquele período se diferencie do envelhecer no século XXI, sobretudo em relação aos avanços na área da saúde, às maiores possibilidades de cuidado, ao aumento da longevidade e à presença mais frequente de idosos no mercado de trabalho, muitas das situações por ela apontadas ainda persistem. As formas de

afastamento do idoso da vida social, a perda de reconhecimento e o silenciamento de suas experiências continuam a marcar o envelhecer contemporâneo, como também se observa na representação literária da velhice em *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe.

Como visto, essa crítica também aparece nos estudos de Ecléa Bosi em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, em que a autora mostra que a solidão na velhice está ligada à perda das trocas simbólicas entre gerações, quando o idoso deixa de ter espaço para transmitir sua experiência, instala-se um isolamento que vai além do físico. A frase “a mão trêmula é incapaz de ensinar o aprendido” expressa a condição daquele que, mesmo possuindo memória e saber, não encontra meios para partilhar sua história (Bosi, 1994, p. 79).

No plano institucional, as Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) cumprem um papel importante na assistência, ao oferecerem cuidado continuado a um contingente significativo da população idosa. Todavia, embora o debate acerca dessas instituições seja amplo e atravesse dimensões éticas, sociais e políticas, é possível reconhecer que, em determinadas circunstâncias, sua dinâmica interna pode acabar por reforçar a experiência da solidão, com a rotina rígida, a perda de autonomia e a falta de vínculos afetivos tornam o isolamento uma experiência vivida em coletivo. Mesmo cercado por outros idosos, o sujeito pode permanecer sozinho, a convivência não garante relação. Essa situação confirma a análise de Beauvoir, segundo a qual a institucionalização pode antecipar uma morte simbólica antes da morte biológica e essa dinâmica é analisada por Soares (2024) ao estudar o Hotel Paraíso.

Nessa perspectiva, a autora mostra que o espaço institucional transforma o sujeito em objeto, apagando a interioridade e a vida privada, uma vez que, no lar, “todas as formas de interioridade se veem metamorfoseadas em exterioridade: a pessoa torna-se mero corpo; a privacidade, espetáculo público” (Soares, 2024, p. 26), de modo que a vigilância constante e a exposição da intimidade acabam por reduzir o indivíduo à sua dimensão corporal. Soares (2024) destaca ainda que o Hotel Paraíso funciona como um espaço de esquecimento, no qual, após a morte de um residente, seu rastro é rapidamente apagado e outro ocupa seu lugar, configurando “um espaço continuamente assepsiado contra a individualidade de cada qual”, em que ocorre “um apagamento quase imediato do seu rastro e sua pronta substituição por outro residente” (Soares, 2024, p. 25), razão pela qual a instituição passa a priorizar a manutenção da rotina em detrimento das histórias individuais.

Embora a institucionalização da velhice seja frequentemente associada ao apagamento da individualidade, à ruptura dos vínculos e à antecipação de uma morte simbólica, as narrativas analisadas indicam que essa experiência não se configura de modo homogêneo. O espaço institucional deve ser compreendido como um campo atravessado por tensões, no qual coexistem práticas de silenciamento e possibilidades restritas de relação. Se, por um lado, a rotina, a vigilância e a gestão dos corpos tendem a reduzir o sujeito à sua dimensão funcional, por outro, é justamente nesse contexto de perda compartilhada que podem emergir vínculos inesperados, fundados não na escolha plena, mas no reconhecimento recíproco da vulnerabilidade. Esses vínculos, contudo, não anulam a lógica institucional nem eliminam a solidão, mas operam como formas de resistência, que atenuam o isolamento sem desfazer as estruturas que o produzem. É nesse cenário que se insere a análise de *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, obra que permite acompanhar a experiência do envelhecer institucionalizado, a partir da amizade como um dispositivo que possibilita a ressignificação da experiência do envelhecer na instituição.

4. AMIZADE E ÉTICA

A amizade é um tema que permeia as relações humanas e figura como um dos tópicos centrais da reflexão ética no mundo greco-romano. Filósofos e oradores antigos empenharam-se em conceituar a *Philia/Amicitia*, sustentando investigações que ultrapassam o âmbito do afeto privado e atingem a própria configuração de uma vida ética em comunidade. A partir desses conceitos pautados desde a antiguidade, este capítulo busca trazer uma reflexão que articula a amizade como prática ética e política, destacando seu papel na construção da vida em comum e na manutenção dos vínculos sociais. Por fim, o capítulo desenvolve uma análise do vínculo entre afeto e agência em situações de vulnerabilidade, com destaque para aquelas relacionadas ao envelhecimento.

4.1 A *Philia* em Aristóteles

Na obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles aborda as relações humanas, compreendendo-as como parte constitutiva da vida ética. A amizade (*philia*) aparece tanto no Livro VIII, onde é desenvolvida de maneira sistemática e aprofundada, quanto no Livro IX, em que Aristóteles retoma a amizade a partir da experiência do convívio. A leitura desses livros permite compreender a amizade como prática cotidiana regulada pela virtude e, ao mesmo tempo, como vínculo ético fundamental para a realização da boa vida.

Considerando o termo *Philia*, presente na obra, Aristóteles dedica especial atenção à busca para uma possível definição de amizade, como observa Rocha (2006): “Em Aristóteles, porém, já se encontra uma tentativa de definir a amizade ($\phi\iota\lambda\iota\alpha$), designando-a como uma convivência íntima, agradável e, sobretudo, benéfica, capaz de fazer da vida humana uma vida “bela e boa”, digna, portanto, de ser vivida” (Rocha, 2006, p.66). Assim, a posição aristotélica concebe a amizade como condição necessária para a realização de uma existência plena: a *philia* não se reduz ao prazer efêmero nem a vínculos utilitários, mas configura-se como uma convivência que é, simultaneamente, afetiva e formativa. Nesse sentido, a distinção aristotélica entre amizades por prazer, por utilidade e por virtude ilumina por que apenas a última se qualifica como completa (*teleia philia*), ou seja, exige a presença de caráter e de motivos éticos estáveis no interior da relação.

A partir disso, a amizade, em Aristóteles, não aparece como um aspecto secundário da moral, mas como uma dimensão estrutural da vida ética, estreitamente implicada na virtude. No Livro VIII da *Ética a Nicômaco*, o filósofo afirma:

Depois do que dissemos segue-se naturalmente uma discussão da amizade, visto que ela é uma virtude ou implica virtude, sendo, além disso, sumamente necessária à vida. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, ainda que possuísse todos os outros bens. (Aristóteles, 2009, p. 139)

Essa afirmação confere à amizade um estatuto: ela não é só um complemento da felicidade, mas uma condição para que a vida seja considerada digna de ser vivida. Acerca disso, mesmo a posse de bens materiais, poder ou prestígio não substitui a presença do amigo, pois é na amizade que se realiza a convivência, a beleza da partilha. Assim, Aristóteles sugere que a vida humana é essencialmente relacional, e que o isolamento compromete o próprio sentido da existência. Assim, mais do que uma virtude entre outras, a *philia* constitui o âmbito prático em que o exercício da virtude se torna possível, pois é na convivência, na escolha compartilhada e na partilha da vida que o caráter ético se forma e se manifesta. A amizade aparece, portanto, menos como uma disposição abstrata e mais como uma prática concreta da vida boa.

Além disso, o filósofo observa que a amizade é necessária tanto nos momentos de adversidade quanto nos de prosperidade. Nos momentos difíceis, o amigo oferece apoio e auxílio; nos momentos felizes, é com o amigo que se compartilham as ações e os bens. Desse modo, a amizade amplia a experiência da felicidade, permitindo que ela seja vivida em comum. Ainda tratando da amizade, Aristóteles chama atenção para o uso amplo do termo no cotidiano, em que muitas relações são chamadas de amizade, embora se fundamentem em motivos distintos. O filósofo reconhece essa diversidade ao afirmar:

Com efeito, os homens aplicam o nome de amigos mesmo àqueles cujo motivo é a utilidade, e nesse sentido se diz que as disposições são amigáveis (pois as alianças de disposições parecem visar à vantagem), e também aos que se amam com vistas no prazer — e é neste sentido que se diz serem amigas as crianças. (Aristóteles, 2009, p. 144).

Essa observação mostra que Aristóteles parte da experiência comum para construir sua reflexão filosófica, ele reconhece que o termo “amizade” é usado para designar vínculos muito diferentes entre si, e que nem todos possuem o mesmo valor ético. A partir disso, o filósofo propõe uma distinção conceitual que permite compreender melhor a natureza dessas relações.

Segundo o pensador, as amizades diferenciam-se conforme o objeto amado. Assim, há amizades baseadas na utilidade, no prazer e no bem. As duas primeiras são consideradas imperfeitas, pois dependem de fatores externos ao caráter do amigo. Sobre esse aspecto, Aristóteles afirma:

De forma que essas amizades são apenas acidentais, pois a pessoa amada não é amada por ser o homem que é, mas porque proporciona algum bem ou prazer. Eis por que tais amizades se dissolvem facilmente, se as partes não permanecem iguais a si mesmas: com efeito, se uma das partes cessa de ser agradável ou útil, a outra deixa de amá-la. (Aristóteles, 2009, p. 141).

Essas amizades baseadas na utilidade são, então, marcadas pela instabilidade, uma vez que se mantêm apenas enquanto satisfazem interesses ou proporcionam prazer e quando as circunstâncias mudam, o vínculo tende a se dissolver. Aristóteles não desqualifica completamente essas formas de amizade, reconhecendo que elas fazem parte da vida social; no entanto, deixa claro que elas não expressam a amizade em seu sentido mais pleno.

Em contraste com essas formas imperfeitas, Aristóteles apresenta a amizade fundada no bem ou na virtude, considerada a mais elevada. Nessa amizade, cada indivíduo deseja o bem do outro por ele mesmo, e não por vantagens externas. O filósofo define essa amizade nos seguintes termos:

Essa espécie de amizade, pois, é perfeita tanto no que se refere à duração como a outros respeito, e nela cada um recebe de cada um a todos os respeito o mesmo que dá, ou algo de semelhante; e é exatamente isso o que deve acontecer entre amigos. (Aristóteles, 2009, p. 143).

Nesse sentido, a amizade virtuosa distingue-se das demais por sua estabilidade e profundidade. Ela é duradoura porque se baseia na virtude, que é constante, e não em fatores passageiros.

O filósofo ressalta, ainda, que a amizade verdadeira não surge de forma imediata. Embora o desejo de amizade possa aparecer rapidamente, a amizade em si exige tempo e prova do caráter. O filósofo observa de maneira concisa: “Porque o desejo da amizade pode surgir depressa, mas a amizade não” (Aristóteles, 2009, p. 143). Reforçando, assim, a ideia de que a amizade é construída ao longo da convivência e da experiência compartilhada, sendo assim, o conhecimento mútuo acompanhado pela confiança e a estabilidade do vínculo não se formam de maneira instantânea, mas resultam de uma relação contínua. A amizade, nesse sentido, é uma prática que se desenvolve no tempo.

Nessa perspectiva, outro elemento fundamental da amizade, segundo Aristóteles, é o convívio. A amizade não se mantém apenas pelo afeto, mas pela partilha da vida, então o filósofo destaca a centralidade do convívio ao afirmar: “Nada é mais característico dos amigos do que o convívio; e, embora sejam os que sofrem necessidade que desejam benefícios, mesmo os que são felizes desejam passar a vida juntos” (Aristóteles, 2009, p. 145). Mostrando, assim, que a amizade acompanha tanto a necessidade quanto a felicidade, em que mesmo aqueles que não precisam de ajuda material desejam a presença do amigo, pois a amizade responde a uma necessidade mais profunda de partilha da existência.

Aristóteles também considera o papel específico da amizade em diferentes etapas da existência humana. Ele reconhece que a amizade não atua da mesma forma para jovens e idosos, mas se ajusta às necessidades próprias de cada idade. Nesse sentido, afirma: “A amizade também ajuda os jovens a afastar-se do erro, e aos mais velhos, atendendo-lhes às necessidades e suprimindo as atividades que declinam por efeito dos anos” (Aristóteles, 2009, p. 139). Essa passagem é importante, pois revela que o filósofo compreende a amizade como um vínculo que acompanha o ciclo da vida. Para os jovens, tem uma função formativa e orientadora; para os mais velhos, assume um papel de cuidado, apoio e compensação diante do declínio das forças. Essa perspectiva teórica encontra eco na narrativa de Mãe, quando o encontro com Américo evidencia a dimensão ética e afetiva da amizade:

quando o américo me veio ver, sentei-me sem lhe esconder as lágrimas. devo ser o mais piegas dos velhos do lar, disse eu. não é verdade, senhor silva, há mais quem chore, e até eu choro, como não se há de chorar se as lágrimas nos caem dos olhos mesmo contra a nossa vontade. (Mãe, 2016, p.90)

Tal cena demonstra que a amizade não se limita a um gesto de cortesia, mas se manifesta como presença atenta e vínculo que acolhe a fragilidade do outro, permitindo-lhe sentir-se visto e amparado. Desse modo, a amizade não perde sua importância com o avanço da idade, mas se torna ainda mais necessária.

No Livro IX, ao discutir a relação entre felicidade e amizade, Aristóteles rejeita a ideia de que a vida plenamente realizada possa ser vivida em isolamento, enfatizando a dimensão relacional da existência humana.

Não menos estranho seria fazer do homem sumamente feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade... Logo, o homem feliz necessita de amigos. (Aristóteles, 2009, p. 173).

Nesse trecho, entende-se que a felicidade não é compatível com a solidão absoluta. Mesmo aquele que possui todos os bens não escolheria viver isolado, pois a convivência é constitutiva da natureza humana. Ao afirmar que o homem feliz necessita de amigos, o filósofo recusa a ideia de que a autossuficiência exclua a amizade e reafirma que a vida ética se realiza na relação com os outros. A amizade, nesse sentido, não aparece como um acréscimo secundário à existência, mas como uma condição fundamental para viver bem, sobretudo quando se consideram situações em que a solidão tende a se intensificar, como ocorre no envelhecimento.

4.2 *Amicitia* em Cícero

Cícero também vai conceber a *Amicitia*, trazendo que a amizade autêntica repousa sobre qualidades éticas. No tratado *Laelius de Amicitia*, o filósofo apresenta uma reflexão sistemática sobre a amizade, inserindo-a no horizonte da vida moral e política romana. Diferentemente de Aristóteles, que aborda a amizade no contexto da ética das virtudes, Cícero discute a *amicitia* a partir da experiência ética e moral. A amizade aparece, então, desde o início do diálogo, como um dos bens mais elevados da vida humana, estreitamente ligada à virtude e à retidão valorosa.

Assim, a *amicitia* ultrapassa a mera sociabilidade e exige, como condição, a presença de disposições morais que garantam a estabilidade e a autenticidade do laço. Nesse sentido, Cícero afirma de maneira enfática que a amizade verdadeira só pode existir entre homens bons, isto é, entre aqueles que orientam suas ações pela virtude. Logo no início do tratado, lê-se em uma fala de Lúlio: “Mas antes de tudo, penso o seguinte: exceto entre as pessoas boas, a amizade não pode existir;” (Cícero, 2021, p. 25). Essa afirmação, contudo, não deve ser entendida como uma descrição literal de todas as relações humanas, mas como um ideal ético que orienta sua reflexão. Ao longo do tratado, Cícero reconhece que a vida política e social é marcada por interesses e instabilidades, mas sustenta que apenas vínculos fundados na virtude podem garantir lealdade, confiança e permanência, distinguindo a *amicitia* autêntica das relações baseadas apenas na utilidade. Em consonância, Taterek sintetiza a ideia de Cícero: “a verdadeira amizade é possível entre homens bons e tem como base a virtude” (Taterek, 2020, p. 10). Assim, a amizade verdadeira exige caráter, pois somente quem é capaz de agir retamente consigo mesmo pode sustentar um vínculo duradouro com o outro.

Nesse sentido, Cícero distingue claramente a amizade verdadeira das relações baseadas na utilidade ou na vantagem. Ele critica os vínculos que se formam apenas por interesse,

afirmando que esses não merecem o nome de amizade. Em suas palavras: “Pois se a utilidade solidificasse a amizade, ela as dissolveria quando as circunstâncias fossem mudadas.” (Cícero, 2021, p. 34). Essa crítica reforça a ideia de que a amizade, para Cícero, não pode depender de circunstâncias externas, a verdadeira *amicitia* exige lealdade e compromisso, características que não podem ser garantidas por relações fundadas apenas no interesse.

Por fim, Cícero associa a amizade à permanência da memória e à continuidade da vida comum, ao afirmar: “e como a amizade tem muitas das maiores conveniências, ela se destaca claramente além de tudo o mais, porque acende uma boa esperança para a posteridade e não permite que as almas se enfraqueçam ou caiam” (Cícero, 2021, p. 29), de modo que, mesmo diante da morte, a amizade deixa marcas duradouras, o que se evidencia na passagem do romance: “nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. [...] a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa [...] um respeito e um cuidado pelas pessoas todas” (Mãe, 2016, p. 251), pois a amizade se inscreve na história compartilhada entre os amigos e atravessa o tempo, transgride fronteiras institucionais e biológicas, como um vínculo que sustenta o sentido da existência frente à finitude. Por essa razão, no *Laelius de Amicitia*, a *amicitia* é apresentada como um dos maiores bens da vida humana, inseparável da virtude e da convivência, contribuindo de forma decisiva para a compreensão da amizade como uma categoria ética e existencial fundamental para pensar as relações humanas ao longo da vida.

Essa perspectiva abre caminho para analisar, no próximo subtópico, a amizade enquanto prática ética e política, capaz de orientar a conduta e fortalecer as relações humanas ao longo da vida.

4.3 Amizade como prática ética e política

A partir das concepções de Aristóteles e Cícero, é possível compreender a amizade como uma prática ética que ultrapassa o âmbito do afeto privado e se inscreve na própria organização da vida em comum.

Em Aristóteles, a amizade ocupa um lugar central na ética justamente porque torna possível a realização da vida boa, uma vez que ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que possuísse todos os outros bens, e é nesse sentido que a *teleia philia* se apresenta como amizade fundada no bem e na virtude, marcada pelo desejo recíproco do bem do outro por ele mesmo,

pela estabilidade do vínculo e pelo partilhar da vida cotidiana, o que confere à amizade uma dimensão prática que se exerce no convívio e na ação e não apenas no sentimento.

Cícero, por sua vez, ao conceber a *amicitia* como um dos maiores bens da vida humana, reforça essa dimensão moral da amizade ao afirmar que ela só pode existir entre homens bons, isto é, entre aqueles orientados pela ética, afastando as relações baseadas exclusivamente na utilidade ou no prazer e destacando que a amizade verdadeira se sustenta na lealdade, na retidão moral e na permanência do vínculo mesmo diante das mudanças e das adversidades, o que aproxima a *amicitia* de uma forma de compromisso ético duradouro.

No contexto do romance, a amizade entre o Sr. Silva e os outros residentes do Lar da Feliz Idade e também entre ele e o personagem Américo, pode ser lida não só como um vínculo afetivo, mas como uma prática ética e política, na medida em que restabelece a possibilidade de ação e de reconhecimento do sujeito envelhecido em um espaço institucional que tende a reduzir os indivíduos à condição de corpos administrados, pois ao produzir um laço baseado na escuta e na partilha do cotidiano, essa amizade reafirma a dignidade do outro e interrompe a lógica impessoal que governa a instituição.

Como o próprio romance evidencia na figura de Américo: “o américo não é habilitado por escola nenhuma senão pela do coração. estudou pela amizade e compaixão os modos de acudir aos outros” (Mãe, 2016, p. 27), a amizade não aparece apenas como um sentimento, mas como um saber construído na convivência. Trata-se de um aprendizado ético que se forma na relação com o outro e se expressa em gestos concretos de cuidado no cotidiano, aproximando-se da noção aristotélica de virtude como hábito adquirido pela prática. Nesse sentido, Américo encarna uma ética relacional que não nasce das normas da instituição, mas da experiência partilhada com os demais, o que confere à amizade um caráter ao mesmo tempo ético, por orientar o modo de agir, e político, por instaurar, no interior da instituição, uma forma alternativa de convivência.

Dessa forma, essa amizade funciona eticamente como cuidado e politicamente como resistência, já que cria uma forma alternativa de convivência dentro de um sistema que frequentemente silencia, mostrando que a amizade, ao tornar visível o valor da vida comum, preserva a capacidade de existir e de agir mesmo em contextos de vulnerabilidade e isolamento. É possível ainda compreender a amizade, no interior da obra, como uma virtude que se

manifesta na prática cotidiana e não como uma disposição abstrata, pois o vínculo entre o Sr. Silva e Américo se constrói por meio de gestos simples, de uma presença constante e de uma atenção mútua que não busca recompensa, aproximando-se da noção aristotélica de virtude como hábito adquirido no convívio e na repetição de ações orientadas pelo bem, de modo que a amizade se revela como exercício ético contínuo que forma e transforma os sujeitos envolvidos. Essa transformação subjetiva é explicitada no romance quando o narrador nota: “nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro. nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta” (Mãe, 2016, p. 168), com essa passagem evidenciando que a amizade não apenas recompõe laços interpessoais, mas altera profundamente a maneira como o sujeito envelhecido se percebe e se compreende, fazendo da vulnerabilidade não um sinal de fracasso, mas um espaço de abertura ao outro.

É nessa mesma direção que Figueiredo (2020) observa o sr. Silva atravessando um processo de dissolução e reinvenção de si, revisitando medos, remorsos, ressentimento, culpa e vergonha a partir dos encontros com seus amigos. Essa experiência evidencia que a amizade, ao instaurar um espaço de escuta e convivência, atua como prática ética capaz de reconfigurar a subjetividade e como prática política que resiste à lógica impessoal da instituição, reafirmando a dignidade do sujeito envelhecido (Figueiredo, 2020, p. 168).

A partir dessa compreensão, torna-se possível avançar para uma reflexão mais específica sobre os modos pelos quais o afeto sustenta formas de ação em situações de fragilidade. É nesse horizonte que se insere o próximo subtópico, dedicado a pensar as relações entre afeto e agência em contextos marcados pela perda, pela dependência e pela institucionalização.

4.4 Afeto e agência em contextos de fragilidade

Ao reconhecer a amizade como prática ética e política, torna-se possível compreender seu papel específico em contextos de fragilidade. A fragilidade, longe de ser uma condição excepcional, faz parte da experiência humana e se intensifica em determinadas fases da vida, especialmente na velhice.

É importante, portanto, diferenciar afeto de passividade. O afeto, na amizade, não implica anulação da agência do sujeito, mas pode, ao contrário, sustentá-la. Em contextos de

fragilidade, a ação não se expressa necessariamente pela autonomia plena ou pela independência física, mas por formas relacionais de agência: seja no escolher com quem conviver, com quem manter vínculos ou compartilhar lembranças ou ainda exercer a palavra. No caso do sr. Silva, sujeito atravessado pelo luto da esposa e deslocado para o Lar da Feliz Idade, a agência não se manifesta em grandes gestos, mas em escolhas mínimas e persistentes: nos encontros que aceita, nos vínculos que lentamente constrói, na partilha de memórias que o mantêm ligado ao que foi e, sobretudo, na palavra expressa, que lhe permite continuar a existir no mundo apesar da perda. Essas formas de agir tornam-se visíveis no romance quando o narrador afirma que “os outros, américo, justificam suficientemente a vida” (Mãe, 2016, p. 244). Essa formulação desloca o sentido da ação do plano individual para o relacional, mostrando que, mesmo em situações de dependência, o sujeito continua a agir ao se manter inscrito em relações significativas, nas quais a presença do outro sustenta o sentido da existência.

A partir de Aristóteles, entende-se que a amizade aparece como um apoio fundamental na velhice, suprimindo as limitações que surgem com o declínio dos anos. A amizade, nesse contexto, não elimina a fragilidade, mas oferece sustentação para que o indivíduo continue inserido na vida comum, e o amigo, passa a ser aquele que acompanha, que auxilia e compartilha a existência, permitindo que a vida não se reduza à dependência passiva ou ao isolamento. Desse modo, a amizade pode ser compreendida como um espaço de mediação entre fragilidade e agência, mesmo quando o corpo enfraquece ou as condições sociais se tornam restritivas, o vínculo amistoso possibilita a continuidade da vida ética, ao manter o sujeito inserido em relações significativas. A amizade, assim, não elimina a vulnerabilidade, mas impede que ela se transforme em abandono ou silenciamento, na medida em que, como se insinua no romance de Valter Hugo Mãe, a vida só se sustenta e se justifica na presença do outro.

Essa compreensão é fundamental para pensar a velhice em contextos marcados pela solidão e pela institucionalização. Permitindo deslocar o olhar sobre a velhice institucionalizada, evidenciando que, mesmo em contextos de fragilidade, os vínculos afetivos podem sustentar a dignidade e o sentido da existência. É a partir dessa perspectiva que se inicia, no capítulo seguinte, a leitura de *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, dedicada à construção do Sr. Silva e às formas pelas quais a experiência do envelhecer é ressignificada no interior da narrativa

5. A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS

A Máquina de Fazer Espanhóis, escrito por Valter Hugo Mãe em 2010, não se organiza em torno de uma sequência linear de acontecimentos, ela ocorre a partir da experiência subjetiva de António Jorge da Silva, o Sr. Silva, narrador autodiegético da obra. A narrativa se concentra especialmente no período que se segue à morte de sua esposa e à sua entrada numa instituição de acolhimento para idosos. O foco recai sobre suas memórias, sentimentos e reflexões, bem como sobre a descrição do cotidiano da instituição a partir de sua perspectiva singular. Trata-se, ainda, de uma narrativa aberta, que não fornece respostas definitivas nem conclusões, exigindo do leitor uma interpretação ativa diante de questões centrais como a velhice marcada por recordações e a experiência da institucionalização.

A análise subsequente concentra-se na construção do protagonista, procurando compreender de que forma suas experiências, memórias e reflexões sobre a velhice são articuladas ao longo da narrativa. Nesse sentido, torna-se possível perceber como a subjetividade do personagem é construída não apenas a partir de suas vivências pessoais e da perda da autonomia, mas também por meio da relação com o ambiente da instituição de acolhimento e das interações com outros indivíduos.

5.1 A construção do sr. Silva

A construção do senhor Silva em *A máquina de fazer espanhóis* inicia-se com a experiência da perda. A morte da Laura, sua esposa, constitui o primeiro grande deslocamento identitário do narrador e inaugura um dos pontos centrais da ruptura na narrativa. O luto não é apresentado como processo gradual de aceitação, mas como violência que atinge o corpo e a subjetividade, desorganizando completamente a vida do personagem. O narrador problematiza, inclusive, a expectativa de que o amor deveria cessar com a morte:

com a morte, também o amor devia acabar. acto contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutrira pela pessoa que deixou de existir. pensamos, existe ainda, está dentro de nós, ilusão que criamos para que se torne todavia mais humilhante a perda e para que nos abata de uma vez por todas com piedade. e não é compreensível que assim aconteça. com a morte, tudo o que respeita a quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano (Mãe, 2016, p. 35-36).

A morte da Laura, portanto, não encerra o vínculo afetivo, mas o intensifica de forma dolorosa. O senhor Silva passa a experimentar o luto como ausência permanente, o que contribui diretamente para o esvaziamento de sentido de sua vida cotidiana, como é possível notar no trecho em que ele se pergunta: “que vantagem existia, na verdade, em não ter morrido também” (Mãe, 2016, p. 33) e para o passo seguinte de sua trajetória: a institucionalização.

Após a morte da esposa, o narrador é levado para o Lar “Feliz Idade”, sem que sua vontade pese decisivamente, então esse deslocamento não é narrado como escolha, mas como consequência da perda e da fragilidade. O Lar surge como espaço de afastamento da vida anterior e de interrupção parcial da autonomia, marcando a passagem definitiva para a condição de idoso institucionalizado. A entrada no lar intensifica sentimentos de vulnerabilidade e de raiva, emoções que Silva recusa ver naturalizadas como “etapas” gentis do envelhecer. Como traz a própria narrativa em outro trecho citado:

não nos falem com uma alegriazinha ingênua, de tempo contado, e nos façam perceber o quanto éramos também ingênuos e nunca nos preparáramos para a derrocada de todas as coisas. [...] e só não nos tornamos perigosos porque envelhecer é tornarmos vulneráveis e nada valentes, pelo que enlouquecemos um bocado e somos só como feras muito grandes sem ossos, metidas dentro de sacos de pele imprestáveis que já não servem para nos impor verticalidade nem nas mais pequenas batalhas (Mãe, 2016, p. 36-37).

A expressão “nem nas mais pequenas batalhas” concentra a forma como a narrativa representa o envelhecimento, sendo assim, um processo marcado por enfrentamentos constantes e, sobretudo, por perdas sucessivas de autonomia, e não como uma etapa pacífica ou naturalizada. Ao escolher o vocábulo “batalhas”, o narrador recusa a imagem dócil da velhice e a reinscreve no campo do conflito, sugerindo que o cotidiano do sujeito idoso passa a enfrentar lutas mínimas, porém decisivas, levantar-se, locomover-se, sustentar a “verticalidade”, impor limites, resistir ao controle de terceiros.

Nesse sentido, as “pequenas batalhas” não dizem respeito a grandes feitos heroicos, mas às disputas discretas do dia a dia que garantem a dignidade e a agência do indivíduo. Se o corpo se torna “um saco de pele imprestável”, a perda não é apenas física: é também simbólica e social, pois a fragilidade limita a capacidade de reação e intensifica uma possível dependência.

Chega-se, portanto, em um ponto central: a fragilidade física expõe, mas não torna desprovidos de afetos os idosos; ao contrário, intensifica a consciência da exclusão. A ira do sr.

Silva não é um traço gratuito de temperamento, é possível ser visto como uma resposta ao enfrentamento do luto e à experiência de descarte.

Percebe-se que, desde as primeiras páginas, a figura do sr. Silva também articula uma tensão de sua autopercepção moral. A autodefinição inicial: “eu fui um bom homem. trabalhei, paguei as minhas contas, respeitei as pessoas e nunca quis mal a ninguém” (Mãe, 2016, p. 9), funciona como um recurso retórico: simples, honesto e socialmente palatável. Entretanto, o romance passa a questionar essa autoavaliação ao mostrar que a “bondade” pode conviver com o conformismo e com pequenas e grandes falhas de empatia. A crítica implícita é que ser “bom homem” (no sentido convencional) nem sempre coincide com uma posição crítica frente às injustiças vividas ao longo da vida, sobretudo no contexto histórico do salazarismo, o qual o personagem esteve inserido em sua juventude.

Essa problematização se aprofunda na conversa com Cristiano Mendes da Silva, o chamado “silva da europa”. É nesse diálogo que a identidade individual do narrador passa a ser confrontada com uma identidade coletiva marcada pelo anonimato e por uma forma de uniformização social. A metáfora dos “silvas” como mato evidencia essa condição:

somos todos silvas neste país, quase todos. crescemos por aí como mato, é o que é. como as silvas. somos silvestres, disse eu, obrigado a sorrir já como quem suplica uma trégua. exactamente, concordou, assim do mato, grassando pelo terreno fora com cara de gente, mas muito agrestes, sem educação nenhuma. eu torci a cara e não respondi. depois não resisti a acrescentar, olhe que somos gente educada. e ele quase me repreendeu, mas a educação tem sido apertada neste país, à paulada, ou não lhe parece. achei que aquele silva era um imbecil dos grandes e que me estava a empatar as energias com retóricas a chegar a um ponto em que a irritação me fazia agir contra a vontade de estar quieto. (Mãe, 2016, p.27)

A passagem apresenta a figura do “silva” como metáfora da identidade coletiva e individual simultaneamente, articulando espontaneidade com uma reflexão sobre moralidade e civilidade. A repetição do sobrenome “silva”, em diálogo com a imagem do mato, ativa o emparelhamento com o radical “silvestre”, sugerindo uma vida que cresce “ao natural”, sem cultivo deliberado, reforçando a ideia de uma existência marcada por hábitos e formas de ser internalizadas de modo quase instintivo. A citação segue:

e ele insistiu, já no limite, mas somos bons homens, podemos acreditar no que quisermos, seremos sempre bons homens. nós, os portugueses, somos mesmo, ponha isso na sua cabeça, colega silva. e a mim ninguém me apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou um silva da europa, isso é que ainda há muitos que não o são, só porque ainda não o aceitaram ou não o perceberam. mas, sabe o que lhe digo, é inevitável. vai chegar a todos. é tempo. é tempo. um dia seremos cidadãos de um

mesmo mundo. iguais, todos iguais e felizes nem que seja por obrigação. estamos a alastrar, como nos compete, e um dia ainda deixaremos de ser silvestres, agrestes, isso de ir como o mato, porque estaremos cada vez com melhores maneiras, sofisticados e cheios de nuances de interesse, subtilezas como as que assistem aos grandes caracteres. um dia, caramba, estaremos até cheios de razão. podia ser um modo de explicar todos os silvas, dizia ele rindo. (Mãe, 2016, p. 27-28)

Assim, o discurso se desloca para a questão da identidade e do pertencimento quando ele diz “sou um Silva da Europa”, porque a Europa não aparece somente como geografia, mas também sendo uma referência simbólica de reconhecimento e de valorização cultural, especialmente se lembrarmos que Portugal muitas vezes foi descrito como um espaço periférico dentro do próprio continente⁶. Além disso, ao repetir que “é tempo” e que esse processo “vai chegar a todos”, o personagem defende uma ideia de progresso inevitável, como se a modernização fosse um destino comum. Ainda assim, a frase “felizes nem que seja por obrigação” introduz uma ambiguidade importante, pois sugere que esse ideal de igualdade e felicidade pode ser entendido como algo imposto, e não exatamente espontâneo.

Uma ambivalência torna-se particularmente evidente no episódio envolvendo dona Marta. O romance descreve uma situação de violência, em que Silva a agride, resultando em um quadro de deterioração cognitiva pós-trauma. O episódio adquire, assim, contornos de transgressão moral, introduzindo na narrativa uma dimensão de culpa que reverbera ao longo do texto, evidenciando as tensões éticas e psicológicas que permeiam a representação do protagonista. Diante da mulher, o narrador observa-a à distância e tenta elaborar uma justificativa para o ocorrido, recorrendo a uma linguagem que desloca a agressão para um registro afetivo: “observei aquela mulher de longe e ocorreu-me que o seu estado mental era um susto criado pela minha atrapalhada forma de falar de amor” (Mãe, 2016, p. 60). O episódio com Dona Marta não se deixa ler por uma oposição simples entre bem e mal. A agressão convive com gestos de cuidado, como o fato de o sr. Silva escreveu cartas de amor em nome do suposto marido da mulher, para que ela as recebesse e se alegrasse. Essa justaposição não atenua a violência, mas impede uma leitura moral unívoca do personagem, que se apresenta como uma figura humana com contradições, capaz tanto de atenção quanto de descontrole. Importa notar que a narrativa mantém a ambiguidade: o próprio Silva oscila entre justificativa,

⁶As questões históricas e políticas de Portugal, bem como a forma como os personagens se inserem nelas e as interpretam, não constituem o cerne desta discussão; contudo, recorreremos a esse contexto apenas para iluminar aspectos específicos do trecho analisado.

arrependimento e esforço por minimizar a própria responsabilidade; é possível, então, ler esse episódio como núcleo que revela o caráter paradoxal do protagonista, capaz de ternura e de ferocidade, simultaneamente.

Esse episódio não pode ser compreendido como um gesto isolado, tampouco como resultado exclusivo de uma intenção plenamente consciente do narrador. A violência praticada contra dona Marta inscreve-se no mesmo campo de perturbação psíquica que atravessa o sr. Silva e que se manifesta, de forma recorrente, nas imagens oníricas dos pássaros negros. Essas imagens articulam o interior do narrador a impressões próximas da antecipação da morte e da invasão do passado. Silva relata, por exemplo: “nessa noite, assim que apaguei a luz e aconcheguei os lençóis ao pescoço, o quarto encheu-se de pássaros negros que conversavam entre si. vieram imediatamente sobrevoar-me, como se já ali estivessem e necessitassem apenas da escuridão para serem vistos” (Mãe, 2016, p. 59).

É a partir desse estado de desorientação interior que o sr. Silva passa a ocupar o espaço do lar Feliz Idade e a enfrentar, ainda de forma resistente, a presença dos outros. Recolhido ao silêncio e à raiva, o narrador descreve-se como alguém incapaz de comunicar: “naquele tempo, sem braços e sem pernas, sem olhos e perdendo a voz, absolutamente sem coração, eu não comunicava” (Mãe, 2016, p. 42). É nesse cenário que ocorre o encontro inicial com o senhor Pereira, cuja atitude não força o diálogo, mas reconhece o mutismo como parte do processo de chegada ao lar. Ao soletrar o próprio nome e dar-lhe as boas-vindas, Pereira inaugura uma forma de contato que respeita o tempo do outro, sem exigir imediatamente resposta ou integração.

O episódio em que o sr. Silva pronuncia sua primeira palavra após seis dias de silêncio, reforça essa dinâmica. O gesto não surge como resultado de um desejo espontâneo de socialização, mas como reação à quase queda do senhor Pereira no varandim. O grito de alerta rompe o mutismo, mas não dissolve a resistência interna do narrador, que admite continuar zangado e desconfiado: “eu não sorriria ainda. estava demasiado zangado para fazê-lo” (Mãe, 2016, p. 48). A narrativa sublinha, assim, que a palavra retorna antes da aceitação, e que o contato antecede a disposição para o vínculo. O próprio senhor Silva interpreta esse gesto com desconforto, chegando a odiar-se por ter falado e por ter anuído “como uma pessoa de confiança, como alguém sem um plano de ataque” (Mãe, 2016, p. 49), o que evidencia a persistência do conflito entre defesa e adaptação.

A cena transfere-se para o pátio das traseiras, em que o personagem Américo aparece “a contar a alguns velhos histórias engraçadas sobre gente que ele inventava” (Mãe, 2016, p. 49). Pereira anuncia com leveza a fala de Silva: “o nosso amigo Silva já fala, é mais inteligente do que eu”, e Américo, interrompendo brevemente o relato, “sorriu muito cândido” (Mãe, 2016, p. 49). O narrador observa que poderia ter sido convocado a falar, exposto à curiosidade coletiva, “como se faz a um papagaio que subitamente sabemos ter artes”, mas isso não ocorre. Américo recusa a espetacularização da fala recém-recuperada e confia que “por vontade própria, a minha voz se faria escutar num momento mais pertinente” (Mãe, 2016, p. 49). Essa atitude é explicitamente reconhecida pelo narrador, que afirma admirar em Américo “o controle que impôs sobre a sua e a curiosidade dos outros” (Mãe, 2016, p. 49). A cena encerra-se num registro de convivência mínima, sem dramatização: “apreciámos todos o sol ameno da manhã” e, apenas ao final, Silva dirige-se a Américo para agradecer a ajuda com os sapatos (Mãe, 2016, p. 49). O gesto, pequeno e hesitante, não desfaz o impasse subjetivo do narrador, mas sinaliza uma primeira inserção no espaço comum, mediada pela presença de Pereira e pela escuta contida de Américo.

A entrada do personagem Esteves, por sua vez, desloca a experiência do lar para outro plano, ao introduzir explicitamente a dimensão intertextual. Apresentado por Pereira como “o esteves sem metafísica” do poema *Tabacaria*, de Fernando Pessoa, o personagem provoca no narrador uma reação de espanto e incredulidade. Silva descreve esse encontro como uma experiência de materialização da poesia no cotidiano: “era como dar pele a um poema e trazê-lo à luz do dia” (Mãe, 2016, p. 66). O efeito desse reconhecimento incide diretamente sobre a percepção do espaço institucional, até então definido como “o matadouro para onde fui metido” (Mãe, 2016, p. 66), introduzindo uma energia vital inesperada, capaz de produzir um breve deslocamento da hostilidade inicial e mesmo um gesto de deslumbramento tardio por parte do sr. Silva: “com oitenta e quatro anos um homem ainda pode ficar deslumbrado” (Mãe, 2016, p. 67).

Esses primeiros encontros não se configuram ainda como vínculos estáveis, mas deslocam o Sr. Silva de uma posição de isolamento absoluto para uma convivência inevitável com os outros moradores do lar. É a partir desse convívio inicial, marcado por estranhamento e pequenas concessões, que o romance passa a tensionar as imagens cristalizadas da velhice, questão que será desenvolvida no subcapítulo seguinte.

5.2 Desconstrução de estereótipos da velhice

Em *A máquina de fazer espanhóis*, a velhice é apresentada a partir da voz do sr. Silva, o que desloca imagens simplificadas associadas ao envelhecimento. A ida para o lar Feliz Idade não é narrada apenas como mudança de espaço, mas como uma ruptura com a vida anterior e com o modo como o sujeito era reconhecido. Desde a chegada, o idoso passa a ocupar uma posição de redução e vigilância, marcada pela perda de controle sobre os próprios gestos e objetos.

A chegada do sr. Silva ao lar é marcada por essa lógica. Retomando a citação do capítulo 1, ele é conduzido ao quarto com dois sacos de roupa e uma fotografia, que logo lhe é retirada, como se ao idoso não fosse permitido manter sequer a mediação material da lembrança. O espaço é descrito a partir de uma sensação de entrega e de suspensão da vontade própria, intensificada pela forma como os profissionais se dirigem a ele:

o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício. pus-me a olhar para o chão, com ar de entregue. estou entregue, pensei. aos meus pés os dois sacos de roupa e uma enfermeira dizendo coisas simples, convencida de que a idade mental de um idoso é, de facto, igual à de uma criança. o choque de se ser assim tratado é tremendo e, numa primeira fase, fica-se sem reacção (Mãe, 2016, p. 37).

A associação entre velhice e infantilização surge de modo direto. A enfermeira não é retratada como cruel, mas como alguém que age a partir de uma expectativa social já cristalizada: a de que o idoso compreende menos, reage menos, decide menos. O choque do sr. Silva não decorre apenas da mudança de espaço, mas do modo como passa a ser visto e interpretado. A velhice aparece, assim, como uma condição que autoriza a suspensão do reconhecimento pleno do outro.

Essa mesma lógica reaparece na relação com a família, sobretudo no episódio da despedida da filha. O cuidado não é negado, tampouco a existência de afeto, mas o narrador evidencia a assimetria dessa relação e a solidão que se instala no momento em que a vida segue fora do lar:

a elisa ainda estaria no lar, talvez a reconfortar-se com o médico pela decisão difícil de deixar ali o pai, e eu sabia que voltaria para se despedir, com um beijo em tudo traidor, e seguiria com a sua vida chorando na viagem de regresso a casa. (...) senti-a afastar-se metro a metro, como se entre o seu e o meu corpo existisse um cordão que rebentaria quando esticado de mais (Mãe, 2016, p. 39).

É possível ainda estabelecer uma associação simbólica com o “beijo de Judas”, episódio bíblico narrado nos Evangelhos em que Judas Iscariotes identifica Jesus aos soldados por meio de um beijo, gesto tradicionalmente ligado ao afeto e à fidelidade, mas que, nesse contexto, torna-se instrumento de traição. O valor dessa intertextualidade está justamente na inversão do sentido do beijo: aquilo que deveria significar proximidade e cuidado passa a funcionar como marca de ruptura e entrega do outro ao seu destino. O Sr. Silva aceita esse gesto não porque o compreenda plenamente, mas porque reconhece que, na relação filial, “nos falta o ódio como deve ser”. A velhice, nesse ponto, não é apresentada como fase de reconciliação, mas como momento em que o sujeito percebe com nitidez sua substituição no fluxo da vida cotidiana.

O espaço do lar reforça essa percepção por meio de uma estética da uniformidade. A brancura das paredes, repetida ao longo do romance, não funciona somente como descrição do ambiente, mas como imagem de apagamento:

senti-a deixar-me ali, correndo para os braços do seu marido e dos meus netos, onde a vida era feita das coisas de sempre. e com cores nas paredes, pensava eu. no lar, por todo o lar, as paredes são brancas e entre o vazio mais intenso do céu e a candura das paredes não há diferença. sentimo-nos cegos. qualquer mancha ou imperfeição na planura do estuque já é uma exceção que aprendemos a observar e nos ajuda a quebrar o mesmismo abundante em nosso redor. um dia, havemos de esboroar-nos na luz. esta brancura é um estágio para a desintegração final (Mãe, 2016, p. 39).

queria que fizessem de conta que não estava ali, não pertencia ali. era só um ponto escuro nas paredes que haveria de ser limpo com a lixívia de uma qualquer limpeza (Mãe, 2016, p. 45).

Desse modo, as paredes brancas do lar acabam por concentrar, numa imagem simples e insistente, a própria lógica de esvaziamento que atravessa a experiência do personagem: trata-se de um espaço onde a vida não se acumula, não deixa rastro, não se deposita em objetos, em cores ou em sinais de uso. O branco aparece como uma espécie de limpeza permanente que, em vez de acolher, expulsa, como se qualquer marca fosse um incômodo. É por isso que o contraste com o exterior ganha tanta força: fora do lugar a vida segue com seu colorido, com seu movimento; dentro, o cenário parece sempre o mesmo, indiferente a quem o habita. A família, ainda que distante ou insuficiente, representa justamente essa outra dimensão do cotidiano: um mundo onde ainda existe diferença e continuidade. Já no lar, a repetição do branco torna visível uma forma de solidão.

Assim, percebemos que o olhar do idoso não é passivo; ele observa, compara e julga. Essa capacidade de percepção contraria diretamente o estereótipo do idoso como figura alheia

ao mundo, incapaz de leitura crítica do espaço que ocupa. A lógica institucional do lar torna-se ainda mais explícita quando a morte passa a ser tratada como condição de funcionamento no romance. A entrada de um novo residente depende da saída de outro, e o sr. Silva percebe-se rapidamente inserido nessa contabilidade:

o lar não suporta mais do que setenta e três pessoas, e, para que uma entre, outra tem de sair. (...) eu era a prova da morte da dona lurdas. (...) era um intruso ainda no luto que faziam à pressa para se atemparem para os lutos que se seguiriam (Mãe, 2016, p. 42–43).

Nesse contexto, a velhice é apresentada como existência provisória, sempre ligada à perda recente e à expectativa de novas ausências. O narrador reconhece, com certo desconforto, que sua resistência inicial ao contato com os outros idosos também o coloca numa posição de arrogância involuntária, já que eles compartilham um destino comum que ele ainda reluta em aceitar.

Ainda quando critica os idosos que se mostram excessivamente saudosos ou conciliados com o passado, ele o faz a partir de uma posição reflexiva, não de indiferença: “havia um ou outro velhote que gostava mesmo de rever os seus [...] administrando as saudades e o amor com uma leveza que, para mim, parecia um paradoxo” (Mãe, 2016, p. 61). Ao reunir essas cenas, o romance constrói uma velhice distante dos modelos idealizados de serenidade ou docilidade. E dando centralidade a essa voz, são desmontados estereótipos que associam a velhice apenas à passividade ou ao silêncio. O sr. Silva permanece como sujeito que pensa, interpreta e reage, ainda que inserido num contexto que limita suas escolhas e reduz sua presença social.

É justamente nesse intervalo, em que o sr. Silva permanece sujeito de pensamento apesar do esvaziamento social que o cerca, que o romance abre espaço para outras formas de sustentação existencial, menos ligadas à família ou às estruturas institucionais e mais vinculadas ao encontro. Desse modo, o subcapítulo seguinte desloca o foco da solidão e da percepção crítica para um vínculo específico que reorganiza afetos e sentidos no interior do lar: a amizade, compreendida aqui como um dispositivo narrativo e ético de ressignificação da experiência de envelhecer.

5.3 A amizade como dispositivo de resignificação

No subcapítulo anterior o Lar aparece como um lugar de apagamento, e neste, a amizade abre uma fenda nessa lógica. Não sendo tratada como uma grande mudança, ou uma libertação completa, porque a instituição permanece sendo um sistema de rotina e números. Mas a amizade altera o modo como se vive dentro desse sistema, ela não destrói o Lar a partir do externo, ela desloca o Lar internamente.

Percebe-se que a narrativa insiste em mostrar o funcionamento do Feliz Idade como um universo fechado e indiferente, onde até a morte não poderia ser interrompida, tratada como apenas uma troca discreta dentro do sistema. O narrador diz:

éramos sempre noventa e três pessoas no feliz idade. sempre noventa e três velhos ali metidos. e não havia alteração disso. a cada fuga, alguém entrava de novo a compor o número preciso de utentes, como um universo perfeito, completo, que se alimenta dos restos de tempo que as pessoas têm. os nossos restos, todos juntos, fazem a vida dos funcionários. por isso, morrer alguém é sempre um acontecimento relativo. como um piscar de olhos, se víssemos melhor, alguém de novo estaria pelas cadeiras e pelas mesas do salão dos almoços e nós poderíamos levar um bom tempo a perceber que alguma coisa mudara. quando se batiam palmas, nos momentos em que algum funcionário percebia a primeira refeição de um novo hóspede e dava um sinal ou começava ele próprio as sonoras boas vindas, lá esticávamos o pescoço a ver quem era, quem seria o colega a juntar-se ao mundo de mesas rectangulares e redondas onde nos habituávamos a ir fechando o mundo. (Mãe, 2016, p. 221-222).

Nessa lógica institucional, a morte torna-se relativa, quase administrativa: um corpo sai, outro ocupa o lugar, recompõe-se a contagem, e o sistema preserva sua aparência de completude. O que produz maior impacto não é apenas o evento da morte em si, mas a rapidez com que ela é assimilada e neutralizada pelo funcionamento regular da instituição. É contra essa circularidade que a amizade atua, pois, ao contrário do regime institucional, ela não opera pela substituição, mas pela singularização. Compreende-se, assim, que a amizade não se estabelece em série, nem pode ser reduzida a uma lógica numérica.

Portanto, o encontro com Américo não deve ser interpretado apenas como uma interação cordial entre utente e funcionário. Américo constitui, antes, o ponto em que a lógica institucional do lar é parcialmente interrompida, pois, mesmo podendo limitar-se ao cumprimento estrito de suas funções laborais, ele opta por uma atuação atravessada pelo afeto e pela disponibilidade relacional. Nesse sentido, o acontecimento envolvendo Dona Marta, que poderia resultar em mais uma experiência de retraimento e isolamento, desencadeia, ao contrário, um movimento de aproximação. Tal gesto não se justifica plenamente por exigência

profissional, mas parece decorrer de uma motivação íntima, como o próprio narrador percebe ao registrar e interrogar essa disposição:

porque mo vieste contar, américo. achei que o senhor silva ia querer saber. sim, eu queria muito saber. e eu vim contar-lhe. obrigado. e não se assuste, a dona marta não fala coisa com coisa e não me parece que o vá acusar de nada. e eu perguntei outra vez, porque mo vieste dizer, américo. e ele deitou os olhos para o chão, ficou por ali atrapalhado com dificuldade em fitar-me e não respondia. havia algo a responder que ele guardava para si. depois disse-me apenas que lhe parecera assim. era como uma vontade, mais do que um dever. talvez. e eu completei, talvez uma amizade. e ele quase refutou, mas não directamente para não se tornar rude. preferiu dizer que compreendia que eu estivesse confuso quando cheguei ao feliz idade. e eu agradeci outra vez e pedi-lhe perdão por contribuir para que entristecesse mais ainda. ele disse que não era nada. que já passava. e saiu corredor fora para ver se a vida voltava ao normal. (Mãe, 2016, p. 126-127).

A relevância desse trecho reside no fato de que ele apresenta o nascimento da amizade não como enunciação explícita, mas como embaraço e hesitação. Américo não verbaliza; ele “deitou os olhos para o chão”, gesto que evidencia que sua atitude de acolhimento ultrapassa os limites estritos de sua função institucional. O narrador reconhece essa inflexão de modo quase involuntário, ao formular a hipótese: “talvez uma amizade”. Nesse contexto, a amizade se manifesta, sobretudo, como presença. E, no espaço do Lar, a presença constitui um bem raro e, portanto, eticamente significativo.

Não por acaso, logo após esse momento, o narrador também é acolhido pelo Sr. Pereira, e essa breve cena funciona como confirmação de que o lar pode, apesar de tudo, comportar gestos de humanidade. Ao dirigir-se ao narrador, o Sr. Pereira afirma:

gosto de o ver assim, isto a vida são dois dias. e eu fiquei impressionado com aquele cuidado. era uma generosidade grande a de me dizer aquilo, a mim, que era um velho amargurado e sem amor. devo ter corado. senti-me um maricas sensível e devo ter corado. nem respondi. deixei que o silva da europa se metesse ao barulho e seguisse com a conversa para outro lado. (Mãe, 2016, p. 127).

O trecho evidencia o espanto do narrador diante da generosidade recebida. A expressão “era uma generosidade grande” sugere que, para ele, a amizade não se apresenta como algo naturalizado, mas como um acontecimento inesperado. Esse espanto revela uma ferida anterior: ao reconhecer-se como alguém “amargurado e sem amor”, o narrador recebe um gesto mínimo e reage com rubor, sinalizando a intensidade afetiva mobilizada por uma experiência aparentemente simples. Logo, a amizade atua como força restauradora, devolvendo ao sujeito a capacidade de sentir e produzindo uma forma de renascimento simbólico.

Esse processo de renascimento alcança um ponto importante no incidente com o Esteves⁷, quando a narrativa suspende, ainda que momentaneamente, o peso do cotidiano institucional e constrói uma manhã que excede os limites do espaço fechado do Feliz Idade, como uma alegria inaugural do dia. O narrador relata:

quando o américo abriu a porta para me acordar e afastar as portadas estagnou diante de um certo abraço que dávamos, eu e o esteves, pela posição de dormir. eu abri os olhos e vi o seu espanto. teve um sorriso depois, metido em milésimos de segundos por mil pensamentos, ele sorriu, e havia uma bonomia na sua atitude, não era coisa de nos vir repreender ou fazer-se de zangado. lá foi afastar as portadas e só depois falou, vamos ver então como é que foi esta noite, dormiram bem. o esteves acordou e viu-se um pouco confuso. sentou-se na cama e olhou-me desconfiado. depois riu se. rimos todos os três. tivemos um começo de dia esplendoroso. o esteves tinha feito cem anos e amanhecera a rir. o fernando pessoa não faria melhor por ele. eu e o américo estávamos extasiados com a maravilha daquele acontecimento. sim, acontecem coisas mirabolantes neste mundo, a imaginação da realidade é delirante. é maravilhosamente delirante. (Mãe, 2016, p. 153).

O narrador e Américo aparecem “extasiados” diante do riso de um homem centenário, como se esse riso configurasse uma vitória metafórica. A frase “o fernando pessoa não faria melhor por ele” funciona como legitimação literária do instante, sugerindo a possibilidade de poesia encarnada no corpo envelhecido, na medida em que nem o próprio poeta, figura maior da palavra e da invenção, pareceria capaz de narrar com mais força aquele amanhecer, isto é, a alegria inesperada do homem centenário com seus amigos. Nesse sentido, a amizade atua como mediação ética e perceptiva: é ela que permite reconhecer o extraordinário no cotidiano e preservar a capacidade de espanto. O trecho final, ao afirmar que “a imaginação da realidade é delirante”, dissolve a fronteira entre realidade e imaginação, não para negar o real, mas para intensificá-lo: o esteves pode até não ser o personagem da *Tabacaria*, mas aqui o absurdo e o belo convivem sem se anularem, e é justamente esse delírio, “marvilhosamente delirante”, que produz o assombro e sustenta uma poética do cotidiano, na qual o envelhecimento deixa de ser apenas perda e se revela, também, como possibilidade de alegria e de reinvenção do mundo.

O romance, contudo, evita qualquer idealização: torna-se evidente que a amizade não anula a morte, apenas a suspende no plano simbólico. Ela não impede o fim, tampouco “cura” o câncer; sua atuação é de outra ordem, pois incide sobre o sentido da experiência. Por isso, o sofrimento expresso pelo narrador diante da morte de Esteves não decorre do caráter inesperado

⁷ Embora Esteves seja apresentado como personagem particular, sua figura pode ser lida como representação ampliada, ultrapassando o plano individual e assumindo um valor coletivo. Nesse sentido, ele opera como figuração: um personagem que concentra sentidos para além de si, reverberando dimensões históricas e identitárias.

do acontecimento, afinal, em um lar, a morte integra o horizonte do cotidiano, mas do fato de que se trata da perda de uma presença singular, já investida de realidade afetiva, descrita como “um verso vivo” (Mãe, 2016, p. 138). Nesse enquadramento, a insistência do texto na metáfora da metafísica, no humor delirante da “máquina” e, posteriormente, na morte como empobrecimento da fantasia coletiva evidencia que o luto não se restringe ao desaparecimento físico, mas corresponde à ruptura de um imaginário partilhado. O narrador afirma:

a morte do João da Silva Esteves, glorioso Esteves cheio de metafísica, foi um duro golpe. O doutor Bernardo disse que morreu feliz. Encostara-se a conversar com ele no gabinete, muito descontraído a contar-lhe os sonhos palermas da noite anterior, e subitamente hesitou numa frase e já estava morto. O doutor Bernardo, surpreso, ainda pediu, mas acabe lá a frase, o que estava a dizer, ó senhor Esteves. E depois é que reparou que ele, a meio de contar algo que o divertia, ficara suspenso, como por uma magia qualquer. Ficava incrivelmente suspenso, já sem respirar, morto. O doutor Bernardo veio dizer-me que o Esteves se lembrava bem dos pesadelos tolos da noite anterior, que estava a rir-se da máquina para roubar a metafísica a um homem e que achava que eu era um anjo dele. O Esteves, senhor Silva, veio dizer-me que você era um anjo dele. E eu, que estava calado numa tristeza profunda, só então falei para dizer, o doutor sabe que aquele homem é alguns dos melhores versos do Fernando Pessoa. Aquela pessoa é a nossa poesia problematizada. A longevidade dele foi uma demorada marcha contra a derrota. (Mãe, 2016, p. 155).

O narrador não está apenas lamentando a morte de um amigo; ele está defendendo a existência simbólica desse homem. Quando diz “aquele homem é alguns dos melhores versos do Fernando Pessoa”, ele não está trazendo um fato, ele está fazendo um gesto de resistência, como se procurasse não deixar que ele vire só um cadáver substituível no número noventa e três. E isso só é possível porque a amizade permite esse tipo de olhar: a amizade é o dispositivo que deu ao idoso, nesse caso ao Esteves, uma importância que a institucionalização em seus moldes tradicionais tentaria diluir. Essa diluição aparece com força na consciência do narrador quando ele reconhece o vazio deixado pela morte de Esteves:

ficávamos pobres de fantasia. Perdia-se o elemento da efabulação maior do feliz idade. A partir de então seríamos ainda mais velhos a entrar na senilidade, uns babões sem interesse nem valor especial. Apenas um amontoado de ossos moles que ia aguentando o tempo sem nenhuma glória particular. O doutor Bernardo pôs a mão no meu ombro e eu sentei-me. Cairia das pernas se não o fizesse. (Mãe, 2016, p. 157).

Com a morte de Esteves, encerra-se uma existência singular e, simultaneamente, interrompe-se uma forma de narrar a vida e de atribuir-lhe sentido. Nesse contexto, o narrador formula uma escolha interpretativa, a decisão de acreditar, que pode ser compreendida como gesto ético vinculado à amizade, na medida em que sustenta uma leitura afirmativa em detrimento do empobrecimento do real. Como se lê: “que o Esteves era um homem correcto e que nos contou a verdade. Eu decido assim, senhor Pereira, porque prefiro não passar o resto da

vida a achar que não conheci ninguém tão incrível como o esteves e que fui apenas um ingênuo tolo.” (Mãe, 2016, p. 192). A passagem explicita a amizade como operação de ressignificação: por meio dela, torna-se possível sustentar uma interpretação que resiste ao desencanto e à redução da experiência ao sofrimento. Desse modo, embora não elimine a dor, a amizade impede que ela se imponha como única chave de leitura.

No capítulo intitulado “precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia”, a morte do Sr. Pereira, acometido por câncer, desencadeia o colapso emocional do narrador, que encontra em Américo o suporte necessário para não sucumbir à experiência do luto. Nesse momento, é Américo quem o sustenta, configurando-se como figura de amparo e continuidade afetiva. O narrador relata:

levantei-me e o américo veio dizer-nos que o senhor pereira acabara de morrer. [...] chorei pelo corredor fora. o américo segurou-me pelo braço e chorou também. quando soube, o silva da europa veio procurar-me. não lhe consegui falar porque me faltava o ar e a enfermeira tentava acalmar-me com oxigênio e pedindo que me deixassem sozinho. não larguei a mão do américo. por mais que ela tivesse a intenção de o incluir nos expulsos dali, não larguei a mão do américo. (Mãe, 2016, p. 242-243).

Além disso, logo depois lê-se: “eu vou ver o meu amigo ir à terra porque depois nunca mais hei de voltar a ver o meu amigo” (Mãe, 2016, p. 244). A repetição de “meu amigo” é semanticamente decisiva, pois desloca a nomeação do morto do campo institucional, “Sr. Pereira”, “utente”, para o campo do vínculo. Trata-se de uma designação que afirma pertencimento afetivo e reconhecimento, convertendo a morte em experiência efetiva de luto. Nesse enquadramento, o luto não se configura como protocolo; constitui ferida e permanência corporal do afeto, figurada no gesto de não soltar a mão de Américo. Mesmo diante da tentativa de intervenção da enfermeira, esse gesto adquire o sentido de resistência íntima: recusa-se que a instituição regule quem pode permanecer junto ao sujeito no momento da perda. Assim, a narrativa afirma a amizade como escolha ética e forma de contrapor-se à normatização institucional do sofrimento.

Em seguida, permanece a figura de Américo, momento em que a ressignificação adquire profundidade particular. Américo não é percebido pelo narrador como mero elemento da engrenagem institucional, mas como amigo. Observa-se que essa percepção já se configura no início da narrativa, quando o Sr. Silva o descreve como “o bom Américo”, dotado de “uma delicadeza muito rara naquele jovem homem. uma sensibilidade tão grande que, mesmo não me conhecendo, podia resultar num carinho genuíno” (Mãe, 2016, p. 44).

Retomando a reflexão sobre a amizade como dispositivo de reconhecimento da singularidade do outro, a conversa sobre os peixes constitui uma das passagens mais poéticas do livro, pois evidencia de forma sintética a dinâmica afetiva que orienta a experiência dos personagens. Enquanto o narrador busca elaborar uma teoria capaz de sustentar a dor, Américo responde com uma afirmação aparentemente simples, quase infantil, que revela o núcleo da relação: não quero ser esquecido. O trecho registra:

já não sou ninguém, rapaz, estou quase, dizia eu. não diga isso, senhor silva, ainda há de se pôr fresco. está só abatido, é compreensível depois do que aconteceu. que doença tenho, américo, é o quê. não sei se é uma doença, é só cansaço, dá-lhe nervos. é como ter nervos. nervos tenho muitos. tem de acalmar. sabes que os peixes têm uma memória de segundos. aqueles peixes bonitos que vês dentro dos aquários pequenos, sabes que têm uma memória de uns segundos, três segundos, assim. é por isso que não ficam loucos dentro daqueles aquários sem espaço, porque a cada três segundos estão como num lugar que nunca viram e podem explorar. devíamos ser assim, a cada três segundos ficávamos impressionados com a mais pequena manifestação de vida, porque a mais ridícula coisa na primeira imagem seria uma explosão fulgurante da percepção de estar vivo. compreendes. a cada três segundos experimentávamos a poderosa sensação de vivermos, sem importância para mais nada, apenas o assombro dessa constatação. o américo respondeu-me, seria uma pena que não se voltasse a lembrar de mim, senhor silva, não gosto dessa teoria dos peixes, porque assim não se lembraria de mim (Mãe, 2016, p. 246-247).

A imagem dos peixes sugere sobrevivência em um espaço restrito, funcionando como metáfora do lar, igualmente pequeno, fechado e repetitivo. Américo, no entanto, recusa a lógica da memória curta e busca permanecer no tempo do narrador e existir como lembrança. A amizade, então, articula-se como reconhecimento mútuo, na qual o jovem também é constituído como sujeito dentro do ambiente institucional. Torna-se, portanto, um fator humanizante para ambos, transformando Américo, de função, em pessoa. Essa percepção já se delineia no capítulo 2, quando o narrador observa: “o américo não é habilitado por escola nenhuma senão pela do coração. estudou pela amizade e compaixão os modos de acudir aos outros. faz no lar o que fazem os enfermeiros também, mas com um acréscimo de entrega que não se exigiria” (Mãe, 2016, p. 45), e se reafirma ao longo de toda a narrativa.

O romance atribui à amizade do sr. Silva um caráter familiar, como já citado no capítulo 2, “como se o esteves fosse nosso, e nós, eu e o silva da europa, e o senhor pereira e mais o anísio dos olhos de luz, fôssemos uma família, uma outra família pela qual eu não poderia ter esperado. unida sem parencas no sangue, apenas no destino de distribuímos a solidão uns pelos outros” (Mãe, 2016, p. 168). Essa formulação reverbera diretamente a discussão desenvolvida no capítulo 2, em que a solidão na velhice foi compreendida não como experiência

meramente individual, mas como fenômeno social e institucionalmente produzido, intensificado pela ruptura dos vínculos e pela lógica de administração do corpo envelhecido. Assim, no interior do lar, a amizade aparece como possibilidade de reorganização do afeto, funcionando como uma rede de cuidado e pertencimento, desse modo lê-se:

era uma irmandade de coração, uma capacidade de se ser leal como nenhuma outra. estendi a mão ao silva da europa e disse-lhe, e o américo, o américo também, que é meu amigo. nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro. nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas. (Mãe, 2016, p. 250-251).

A passagem demonstra que a amizade transcende os laços sanguíneos, configurando-se como uma prática ética, de solidariedade e atenção mútua. Nessa direção, ela também pode ser aproximada da leitura aristotélica discutida no capítulo 3, já que a amizade, sobretudo na velhice, aparece como vínculo que sustenta a vida comum quando o corpo e as condições de existência se tornam mais limitantes, onde não se trata de eliminar a fragilidade, mas de criar uma forma de permanência no mundo por meio do convívio, de modo que o outro funciona como apoio ético e existencial. Ao “distribuir a solidão uns pelos outros”, os personagens constituem vínculos que se aproximam de uma forma de família escolhida, marcada pela lealdade e pelo cuidado recíproco. Nesse sentido, a amizade assume um papel fundamental na sustentação da vida afetiva e social, permitindo que os indivíduos enfrentem a vulnerabilidade e encontrem significado na convivência.

A partir de toda a reflexão sobre a amizade como dispositivo de reconhecimento e humanização, o romance conduz o leitor à questão central que orienta toda a obra: “o que justifica a vida de um homem depois dos oitenta anos quando perde a mulher que amou e com quem partilhou tudo durante quase meio século” (Mãe, 2016, p. 163). Trata-se de uma indagação existencial, orientada à busca de sentido, e não de caráter retórico. A obra propõe uma resposta que não se apresenta como teoria filosófica abstrata, mas surge como descoberta íntima:

depois confessei-lhe, precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de companhia. este resto de vida, américo, que eu julguei já ser um excesso, uma aberração, deu-me estes amigos. e eu que nunca percebi a amizade, nunca esperei nada da solidariedade, apenas da contingência da coabitação, um certo ir obedecendo, ser carneiro. eu precisava deste resto de solidão para aprender sobre este resto de amizade. hoje percebo que tenho pena da minha laura por não ter sido ela a sobreviver-me e a

encontrar nas suas dores caminhos quase insondáveis para novas realidades, para os outros. os outros, américo, justificam suficientemente a vida, e eu nunca o diria. (Mãe, 2016, p. 243-244).

Nesse momento, o dispositivo de resignificação se completa: o lar, antes concebido como universo fechado, transforma-se, por meio da amizade, em espaço no qual ainda é possível acessar o mundo. Por essa razão, ao final, o lar torna-se verdadeiramente lar, não pela modificação da instituição, mas pela alteração na forma como o narrador habita aquilo que antes parecia inabitável. A amizade não cancela a velhice, não apaga a morte, não devolve Laura, mas devolve ao sr. Silva aquilo que a institucionalização tenta retirar: a possibilidade de ser com os outros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a análise desenvolvida neste trabalho permitiu compreender como *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, constrói uma representação complexa da velhice, especialmente ao situar o sujeito idoso em um cenário de acontecimentos sucessivos: o luto, o deslocamento do espaço doméstico e a institucionalização. Nesse percurso, observou-se que a experiência do envelhecer na narrativa, apesar de acontecer em um espaço de silenciamento, pode ser ressignificada a partir do fator da amizade, exemplificado nas relações entre Senhor Silva, Senhor Pereira, Esteves e Américo.

A pesquisa também se mostrou relevante ao mobilizar contribuições dos *Age Studies* no campo dos estudos literários, reforçando a importância de investigar como a velhice é narrada na literatura contemporânea. Ressalta-se, ainda, que a obra analisada abre múltiplas possibilidades interpretativas que não se esgotam nesta pesquisa. Entre os desdobramentos possíveis, destaca-se um estudo voltado para a presença da ditadura salazarista na obra, observando como a memória histórica e política se manifesta na narrativa e repercute na construção subjetiva das personagens. Assim, espera-se que este trabalho contribua para o debate sobre velhice e amizade em *A máquina de fazer espanhóis* e estimule novas investigações acerca das relações entre envelhecimento e literatura.

Destaco também que esta pesquisa não apenas respondeu a uma inquietação teórica inscrita no campo dos Estudos da Velhice e da representação literária, mas também supriu a necessidade pessoal descrita na introdução, a qual esteve na origem desta curiosidade, confirmando que o trabalho crítico pode constituir-se, simultaneamente, como gesto de elaboração subjetiva e como produção rigorosa de conhecimento.

À luz do percurso analítico desenvolvido, pôde-se perceber que *A Máquina de Fazer Espanhóis* constrói a velhice não como estágio apaziguado ou simples prelúdio da morte, mas como território de conflito, ambivalência e reinvenção. Por meio da voz do Sr. Silva, o romance desloca imagens cristalizadas do envelhecimento ao articular luto, institucionalização, culpa, memória e crítica histórica, recusando qualquer leitura unívoca do sujeito idoso. O lar Feliz Idade surge, inicialmente, como espaço de apagamento e administração dos corpos, onde a morte é assimilada pela lógica numérica e a identidade corre o risco de dissolver-se na brancura

indiferente das paredes; contudo, é nesse mesmo espaço que a amizade irrompe como dispositivo ético de ressignificação. Ao singularizar aquilo que a instituição tende a homogeneizar, os vínculos com Esteves, Sr. Pereira e, sobretudo, Américo interrompem a lógica da substituição e instauram uma experiência de reconhecimento mútuo, na qual cada vida deixa de ser apenas resto de tempo para tornar-se presença insubstituível. Em síntese, confirma-se a hipótese inicial de que a obra não consolida a velhice como decadência, mas oferece ao idoso a possibilidade de narrar a própria experiência, de ter voz e de construir vínculos, mesmo em situação de fragilidade, atribuindo sentido à vida.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor). Tradução de Luciano Ferreira de Souza. São Paulo: Martin Claret, 2015.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. E-book. ISBN 978-85-209-4361-8.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Sobre a amizade* [livro eletrônico]. Tradução de Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo Editora, 2021. ePub. ISBN 978-1619652125.
- FIGUEIREDO, Annie Tarsis Morais. *Comum e comunidade luminosa na tetralogia das idades, de Valter Hugo Mãe*. 2020. 190 f. Tese (Doutorado em Literatura e Interculturalidade) — Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2020. Disponível em: <https://tede.bc.uepb.edu.br/index.html>. Acesso em: 30 dez 25.
- GOMES, Carolina de Aquino; SIQUEIRA, Ana Marcia Alves. Reflexões sobre a velhice e a morte em *As intermitências da morte*, de José Saramago. *Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina, v. 39, p. 48–59, dez. 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/>. Acesso em: 10 jan. 2026.
- HADDAD, Eneida Gonçalves Macedo. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 2017.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2024. E-book. Disponível em: www.amazon.com.br. Acesso em: 9 jan. 2026.
- JORGE, Lídia. *Misericórdia*. Lisboa: Dom Quixote, 2023.
- KATZ, Stephen. What Is Age Studies? *Age, Culture, Humanities*, [s. l.], n. 1, p. 17–23, 2014. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/ageculturehumanities/article/view/129947/175715>. Acesso em: 5 jan. 2026.
- LOBO ANTUNES, António. *Sóbolos rios que vão*. Lisboa: Dom Quixote, 2010.
- LOURENÇÃO, Cristiane Corsini. Memória, identidade e alteridade em *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe. *Revista Desassossego*, v. 15, n. 30, p. 182–196, 2023. Disponível em: https://revistas.usp.br/desassossego/pt_BR/article/view/207334. Acesso em: 5 jan. 2026.
- MÃE, Valter Hugo. *A máquina de fazer espanhóis*. 2. ed. São Paulo: BibliotecaAzul, 2016.

MÃE, Valter Hugo. *Valter Hugo Mãe – Roda Viva*. YouTube, 6 jan. 2014. 1:23:00 (aprox.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6i67t4CZRew>. Acesso em: 26 dez. 2025.

MÃE, Valter Hugo. *Valter Hugo Mãe – Roda Viva*. YouTube, 18 jul. 2022. 1:30:00 (aprox.). Disponível em: <https://www.youtube.com/live/SzuDmxfwHDo?si=5T9LT91T5-ebSW4R>. Acesso em: 26 dez. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. Introdução: entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JR., Carlos E. A. (org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. p. 11–24. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 9 jan. 2026.

MIRANDA, Karine Costa. *Perspectivas da memória na tetralogia das minúsculas, de Valter Hugo Mãe*. 2024. 123 f.: il. color. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/79197>. Acesso em: 10 jan. 2026.

PINELA, Helena. Apontamentos para uma hermenêutica do envelhecimento em *Sóbolos rios que vão*, de António Lobo Antunes. *Lampião – Revista de Filosofia*, v. 3, n. 1, p. 48–72, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/lampiao/article/view/15618>. Acesso em: 10 jan. 2026.

ROCHA, Zeferino. *O amigo, um outro si mesmo: a Philia na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles*. *Psychê*, v. 10, n. 17, p. 65–86, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/307/30701705.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SARAMAGO, José. *As intermitências da morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOARES, Mafalda Sofia Borges. Dar o coração perante o corpo ou dinâmicas da misericórdia no romance de Lídia Jorge. *Revista Léguas e Meia*, v. 15, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/leguaEmeia/article/view/11220>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SILVA, Danilo Sales de Queiroz. *Valter Hugo Mãe: o filho de mil textos*. Salvador: s.n., 2019. 187 f. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37544>. Acesso em: 10 jan. 2026.

TATAREK, Natália Vasconcelos Rodrigues. *Interior societatis: a amizade e a dialética entre interioridade e alteridade nas cartas a Lucílio de Sêneca*. 2020. 239 f. Tese (Doutorado em Letras) — Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/70189?locale=es>. Acesso em: 10 jan. 2026.